

Semana 93 - As Mensagens de Tiago e de Pedro

Texto: Tiago 1 a 5, I Pedro 1 a 5 e II Pedro 1 a 3

Estação 47

Tiago 1

Versículos 1 a 27

- 1Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos dispersas entre as nações: Saudações.
- 2Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações,
- 3pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança.
- 4E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem que falte a vocês coisa alguma.
- 5Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida.
- 6Peça-a, porém, com fé, sem duvidar, pois aquele que duvida é semelhante à onda do mar, levada e agitada pelo vento.
- 7Não pense tal pessoa que receberá coisa alguma do Senhor,
- 8pois tem mente dividida e é instável em tudo o que faz.
- 9O irmão de condição humilde deve orgulhar-se quando estiver em elevada posição.
- 10E o rico deve orgulhar-se caso passe a viver em condição humilde, porque o rico passará como a flor do campo.
- 11Pois o sol se levanta, traz o calor e seca a planta; cai então a sua flor, e a sua beleza é destruída. Da mesma forma o rico murchará em meio aos seus afazeres.
- 12Feliz é o homem que persevera na provação, porque depois de aprovado receberá a coroa da vida, que Deus prometeu aos que o amam.
- 13Quando alguém for tentado, jamais deverá dizer: "Estou sendo tentado por Deus". Pois Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta.
- 14Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido.
- 15Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ser consumado, gera a morte.
- 16Meus amados irmãos, não se deixem enganar.
- 17Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes.
- 18Por sua decisão ele nos gerou pela palavra da verdade, a fim de sermos como os primeiros frutos de tudo o que ele criou.
- 19Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se,
- 20pois a ira do homem não produz a justiça de Deus.
- 21Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los.
- 22Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando vocês mesmos.

23Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho

24e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência.

25Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer.

26Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum!

27A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo.

A carta de Tiago, que acompanha as demais cartas chamadas católicas (universais) do NT, foi a última a ser reconhecida como parte do canon bíblico. Isso se deu na Igreja Oriental no início do quarto século e já ao final deste na Igreja Ocidental. Essa condição foi selada por Jerônimo, que a incluiu como “Escritura” em sua tradução bíblica para o latim, a Vulgata. A epístola foi declarada canônica no Concílio de Hipona em 393d.C.. Não obstante esse fato, o livro voltou a ser questionado na época da Reforma por Lutero, que teve dificuldade de traçar um paralelo entre os ensinamentos de Paulo e os de Tiago. Em defesa da canonicidade do livro, vários autores identificam citações de Tiago em outras literaturas conhecidas, como, por exemplo, nas obras de Clemente de Roma (ainda no primeiro século) e no Pastor de Hermas (início do segundo século).

O NT nos apresenta quatro “Tiagos”, quais sejam: o irmão de Jesus, o discípulo, irmão de João, filho de Zebedeu, Tiago, filho de Alfeu, também discípulo e, finalmente, Tiago, o pai de Judas, também discípulo. Destes 4 apenas o irmão de Jesus e o irmão de João têm alguma relevância nas Escrituras. Tendo em vista o fato do autor de nossa carta se identificar simplesmente como Tiago, é de se supor que seja uma pessoa tão marcadamente conhecida, que não precisasse de maiores apresentações. Como Tiago, o irmão de João foi martirizado no ano 44d.C., data prematura para que alguém escrevesse a “judeus cristãos das 12 tribos no exílio”(*Tiago 1.1*), segue que Tiago, o irmão do Senhor seja o autor mais provável, sendo reconhecido como tal pelo próprio Jerônimo. Houve, contudo, algumas vozes discordantes.

O simples fato da carta ser endereçada no primeiro versículo às doze tribos dispersas, já nos diz que era endereçada a judeus, mas, restando alguma dúvida quanto a isso, **Moo** deixa claro, ao ressaltar várias referências da carta, que o texto foi escrito a pessoas que eram familiarizadas com a lei judaica e com as reuniões da sinagoga (*Tiago 2.2*).

A situação da Igreja no mundo ocupa a preocupação de Tiago, por serem oprimidos, pobres, injustiçados etc..., mas seu principal objetivo com a carta parece ser a forma como ele via o pecado do mundo entrando na Igreja. Isso é, sem dúvida, um assunto extremamente atual para a Igreja de nossos dias. Ele adverte os leitores de sua carta de que a amizade do mundo é inimizada para com Deus (*Tiago 4.4*). Ele deixa claro que a verdadeira religião é exercer amor para com os necessitados e não se deixar corromper pelo mundo (*Tiago 1.27*).

Sabemos que Tiago foi morto no ano 62d.C. por apedrejamento, pelo fato de recusar-se a negar a sua fé em Jesus, o Messias. Assim sendo, a carta foi escrita antes desta data. Por outro lado, o Concílio de Jerusalém, citado em *Atos 15* se deu por volta do ano 49. Alguns autores entendem que a discussão de Tiago sobre fé e obras (*Tiago 2.14-25*) é inspirada no encontro que teve com Paulo em Jerusalém e que estaria fazendo, não uma crítica à justificação pela fé, mas, sim, uma advertência à má interpretação que algumas pessoas estavam dando a essa doutrina. Seja como for, isso limitaria a data mais cedo ao ano 49.

O local mais provável para a confecção da carta por Tiago sem dúvida era Jerusalém, onde Tiago viveu a maior parte de sua vida. As circunstâncias de degradação moral que ele ressalta foram o resultado da helenização cada vez maior da cidade, pelo que não era necessária qualquer viagem para compor o cenário que ele descreve.

Feita, então, esta pequena introdução, podemos passar aos comentários do texto.

Essa saudação inicial, exclusiva de Tiago em toda a Bíblia, e a forma dele se referir a Jesus como Senhor e Messias (usada também em *Tiago 2.1*) mostram um servo humilde, mas ao mesmo tempo cômico do fato de que sua grande missão está associada ao reconhecimento, em todos os momentos, do senhorio absoluto de Jesus Cristo.

Tiago se refere a seus destinatários como as doze tribos dispersas, que a essa altura não existiam mais como tribos distintas, mas às quais os autores bíblicos ainda se referiam no sentido profético, como em *Ezequiel 47.13*, por exemplo. Aqui a idéia de trazer Israel de volta da diáspora (dispersão) era literal, mas seu emprego no NT (por exemplo em *IPedro 1.1*) parece ter um sentido mais figurado, referindo-se aos cristãos, cuja pátria é outra e não aqui. Já Moo sugere que a aplicação seja literal e que talvez os destinatários da carta fossem ex-paroquianos de Tiago, a quem este escreve uma carta pastoral. Sua saudação é a mais sintética possível: Saudações!

Os versículos 2 a 4 formam um dos textos mais “ilógicos do mundo” se o interpretarmos segundo a lógica do mundo, é claro. Ninguém tem prazer em sofrer e masoquismo é o termo que usamos normalmente para a anomalia correspondente. Obviamente tudo isso é verdade se pensamos como mundanos que querem aceitar apenas as coisas que dão prazer. No reino do espírito, contudo, as coisas funcionam de maneira diferente. Os cristãos destinatários da carta de Tiago, que estavam sendo perseguidos e sofrendo injustiça por serem cristãos, ao invés de se entristecerem por isso, deveriam era experimentar sentimentos de grande alegria, pois o Senhor, a Quem serviam, estava dando a eles uma grande oportunidade de crescimento da fé. A mesma idéia é transmitida por dois textos paralelos a este, quais sejam *Romanos 5.3-4* e *IPedro 1.6-7*. A ideia agora fica muito clara: devemos perseverar e a ação completa da perseverança é o amadurecimento do crente. Quantos crentes ficam pelo meio do caminho no serviço do seu Senhor, porque não são suficientemente perseverantes para levar a missão até o final, tornando-se incompetentes para a mesma. Os paralelos de Paulo e Pedro conduzem exatamente às mesmas conclusões, mas Davi já tinha usado, também, a

mesma ideia ao dizer que é Deus que nos adentra para a guerra e nos treina para a batalha (*Salmos 144.1*). É Ele que nos torna perfeitos e perfeitamente preparados para o Seu serviço.

É no livro de Provérbios, mais que em qualquer outro da Bíblia, ou mesmo da literatura em geral, que o supremo valor da sabedoria (*sophia* em grego) é ressaltado. Ela é apresentada, por Salomão, de uma forma personificada (*Provérbios 1.20*), mas isso não chega a surpreender, porque ele nos informa em *Provérbios 2.6*, que ela procede de Deus. Assim sendo, talvez a melhor maneira de defini-la seja dizer que “é a forma de encarar e fazer as coisas como o próprio Deus faria”. Não é à toa, portanto, que “o temor do Senhor, seja o princípio da sabedoria” (*Provérbios 1.7*).

Concluimos, desta forma, que *Tiago 1.5-8* não está simplesmente mencionando um dos atributos que o crente deve ter, mas que será suprido, sem problemas, caso falte, bastando para tanto falar com Deus a respeito. Ele está, isso sim, lidando com o princípio básico da vida cristã, que precede inclusive o crescimento de nossa fé, mencionado nos versículos 2 a 4. É a sabedoria que nos faz amar e honrar a Deus. É ela que faz de nós pessoas disciplinadas (pessoas indisciplinadas são tratadas como tolas em *Provérbios 1.7b*). É a sabedoria que faz de nós filhos obedientes, tanto aos pais terrenos como ao celestial. Resumindo, podemos dizer que é a sabedoria que leva o crente a agir da mesma forma que o Varão Perfeito, pelo que a oferta de Tiago não é uma qualificação eventual a ser aproveitada por alguns crentes, mas, sim, algo que cada um de nós precisa considerar.

Na continuação Tiago passa a falar sobre a forma como Deus dá, quando Lhe pedimos. Vários autores como Moo, por exemplo, acham que Tiago tem em mente aqui o ensino de Jesus registrado em *Mateus 7.7-12*, segundo o qual Deus é um bom pai que dá as boas coisas que seu filho pede. Isso fica claro ao dizer que dá liberalmente. A origem dessa palavra parece indicar que dá com a intenção simples de suprir a nossa necessidade. Infelizmente não é esta a forma como nós damos na maioria das vezes, pois estamos sempre esperando alcançar uma contrapartida, nem que seja só reconhecimento. Deus, contudo, não só nos dá liberalmente como também o faz de boa vontade. Isso significa que o Pai não o faz lembrando o quão desobedientes somos como filhos, nem o quanto nós desperdiçamos os bens que nos dá. Ele simplesmente nos dá uma dádiva de valor inestimável sem nos jogar isso “na cara”.

Tendo falado, no versículo 5, a respeito da forma irrestrita como Deus dá, Tiago passa a falar de uma restrição com relação à forma como devemos pedir. Alguns comentaristas acham que isso não necessariamente está ligado ao que foi dito no versículo anterior, mas a maioria das traduções bíblicas não deixa qualquer margem de dúvida. Mais uma vez Tiago parece repetir ensinamentos de Jesus sobre o não duvidarmos daquilo que estamos pedindo, se é que queremos recebê-lo (*Mateus 21.18-22* - ocasião na qual Jesus amaldiçoou a figueira). Quando pedimos, devemos fazê-lo com fé, sem duvidar.

Já vimos que a fé é o ato de crer contra as circunstâncias ou independente delas. As dúvidas são as brechas que por vezes permitimos à fé. São estas que Deus não aceita. Assim como Ele é imutável é assim que requer que seja a nossa fé, pois ela é dirigida a um Deus imutável. Aquele que duvida, segundo Tiago, é como a superfície instável e irregular do mar, onde as ondas, impulsionadas pelo vento formam ondulações que nunca se repetem. É com esse tipo de inconstância que Deus se recusa a lidar com nossos pedidos. É à luz de Tiago que o autor de *Hebreus* fica ainda mais claro ao dizer que “sem fé (a fé sem brechas de dúvidas) é impossível agradar a Deus, pois é necessário que aquele que o busca, creia que Ele existe e que é galardoador daqueles que o buscam” - *Hebreus 11.6*).

Tal pessoa, ou seja, aquela que pede sabedoria mas duvida que vai recebê-la, não precisa sequer ficar esperançosa, porque nada vai receber do Senhor, por ter mente instável e dividida em tudo que faz. A palavra traduzida aqui como mente é “alma” e parece ter sido usada em contraposição ao “coração puro” do AT. No AT devemos amar a Deus de “todo coração” (*Deuteronômio 6.5*). Assim sendo, o homem de mente instável é equiparado àquele que serve a Deus e Mamom.

Ao longo dessa linha, Deus vê esse pedido como aquele feito por um idólatra.

Para muitos comentaristas, o texto de Tiago parece uma colcha de retalhos, onde os textos dos grupos de versículos parecem apenas temas avulsos que lhe vêm à cabeça. Assim sendo, estes 3 versículos (9 a 11) não teriam qualquer ligação com os 4 anteriores e nem tampouco com os 7 seguintes, que parecem retomar o tema dos versículos 2 a 4. Tendo em vista, contudo, a sequência totalmente lógica identificada acima do texto de 2 a 4 com o de 5 a 8 e, ainda, o fato de 5 a 8 apontar para o homem de mente instável como aquele que procura servir a Deus e a Mamom, nada mais lógico do que lembrar aos seus destinatários o perigo que as riquezas representam para a vida do crente.

Começamos por identificar que Tiago continua escrevendo a crentes: ao irmão de condição humilde e, por associação, ao (irmão) rico. Com relação ao primeiro, ele se dirige ao caso particular de um irmão pobre, ou de condição humilde que conseguiu galgar uma posição de destaque, ou seja, financeiramente superior.

Este deve orgulhar-se de continuar a gloriar-se na sua condição de servo do Reino no qual milita ao invés de se gloriar do status de sua nova posição, que despertou o interesse do mundo, mas que não deve afetar a sua humildade. Já ao outro irmão, em situação particular inversa, um ex-rico, que agora estaria experimentando uma repentina perda de suas riquezas (o dinheiro é assim, hoje o temos e amanhã não mais) também este deve também se orgulhar por ser servo do Reino, ao invés de lamentar a perda do dinheiro. O contentamento de Jó aqui é um marcante exemplo: “o Senhor o deu, o Senhor o tomou, bendito seja o nome do Senhor” (*Jó 1.21*).

No versículo 11, Tiago parece estar citando *Isaías 40.6b-8*, onde é lembrada a transitoriedade dos valores mundanos em contraposição à sabedoria divina, que dura para sempre.

Nos versículos 12 a 18 Tiago retorna, claramente, para o tema dos versículos 2 a 4, porque o varão que persevera na provação recebe maturidade cristã nessa vida e tem assegurada a coroa da vida na próxima. Jesus, na carta que manda João escrever à Igreja de Esmirna, diz que dar-lhes-á a coroa da vida se forem fiéis até a morte (*Apocalipse 2.10*). Como o *Apocalipse* provavelmente foi escrito após a morte de Tiago, é pouco provável que ele tivesse essa citação em mente. Seja como for, ele está totalmente ciente de que se trata de uma promessa divina feita àqueles que O amam. Até aqui, contudo, ele nada acrescenta ao que já fora dito nos versículos 2 a 4. Neste ponto, contudo, adentrando o versículo 13, parece ocorrer a Tiago a necessidade de esclarecer exatamente em que consiste uma provação. Tiago deixa claro que, não obstante Deus provar os seus servos, Ele nunca o faz induzindo os Seus servos ao pecado. Há inúmeros exemplos no VT, como Abraão no caso de Isaque (*Gênesis 22.1*) e de Ezequias, no caso dos mensageiros babilônicos (*II Crônicas 32.31*). Deus é santo, não está ao alcance das tentações satânicas (Satanás tentou Jesus homem, mas não Deus) e nem tenta ninguém. Tiago deixa claro, portanto, no verso seguinte, que a nossa atração pelo pecado vem da nossa própria maldade, ou seja, dos desejos impuros que abrigamos em nossos pensamentos. São estes que nos arrastam para o precipício do pecado e nos seduzem. São eles que, uma vez consumados em nossos espíritos, geram morte. Vamos matando cada vez mais a nossa consciência até que nela não reste mais qualquer resquício dos padrões divinos ali implantados ao nascermos. Resumindo, para que não fique qualquer dúvida, o que nós recebemos de Deus é toda boa dádiva e todo dom perfeito. Ele é o Pai das Luzes e nEle não há mudança nem sombra de variação. Foi por decisão dEle que nós fomos gerados pela Palavra da Verdade, para que demos frutos semelhantes ao que deu o Primogênito de toda a criação.

Já foi ressaltada a íntima relação que há entre todas as admoestações que esse primeiro capítulo contém. No versículo 5, acima, Tiago havia dito que, havendo falta de sabedoria, deve ser sanada, pedindo-a a Deus em oração, pois Deus quer que tenhamos a verdadeira sabedoria, aquela que vem do alto. Em inúmeros versículos do livro de *Provérbios*, Salomão resalta a estreita ligação que há entre o tolo, aquele que não é sábio, e o falar demais, bem como o falar em momento indevido. *Provérbios 15.2* traz um bom exemplo: “A língua dos sábios torna atraente o conhecimento, mas a boca dos tolos derrama insensatez”. Outro exemplo é dado em *Provérbios 18.7*: “A conversa do tolo é a sua desgraça, e seus lábios são uma armadilha para a sua alma”. Finalmente, *Provérbios 17.28* mostra o quanto é importante guardar a língua: “Até o insensato passará por sábio, se ficar quieto, e, se contiver a língua, parecerá que tem discernimento”.

Obviamente a ira do tolo e a sua falta de sabedoria no falar também andam de mãos dadas. Assim sendo, Tiago está prestes a encerrar esse primeiro capítulo, mostrando a diferença entre a vida do homem tolo, que fala e se ira, por não agir segundo a vontade de Deus, e o sábio, porque segue a Palavra e permite que ela controle a sua forma de viver.

A forma como Tiago começa esse texto mostra claramente que o tolo, do qual estava falando acima, é um crente que vive ainda segundo os preceitos do mundo. Esse “portanto” poderia ser substituído por “se esse for o seu caso”, então, livre-se de toda a impureza moral, bem como da maldade que continua a existir na sua vida, apesar de você ter aceito a Jesus, porque você continua a ser uma pessoa soberba e tola, vítima do pecado, por achar, ainda, que quem manda na sua vida é você. Agora, portanto, aceite, humildemente, a palavra que Deus implantou em você quando do seu novo nascimento, e permita que ela possa gerar os frutos do Espírito, que realmente podem salvar você.

Continuando nesta mesma exortação, Tiago diz aos seus leitores o quão mais importante é serem praticantes da Palavra de Deus. Ao invés de simples frequentadores de uma Escola Bíblica, que discutem essa mesma Palavra semanalmente (ouvintes da Palavra). Há uma semelhança muito grande dessa exortação com a que Pedro faz em *IPedro 1.23-2.2*. Fica mais claro em *Pedro*, contudo, que a Palavra em apreço é uma semente incorruptível, que tem por finalidade mudar a gente de dentro para fora. Embora seja muito confortante sabermos que essa Palavra é incorruptível, isso é de nenhum consolo se não permitirmos que ela se desenvolva. Tivemos acesso à Palavra de Deus, mas ela precisa ser obedecida se quisermos que ela produza em nós algum efeito. É tão fácil a gente se distrair com as coisas do mundo e deixar a obediência à Palavra para uma ocasião mais propícia.

Com relação a isso, Tiago nos dá um exemplo, dizendo que aquele que ouve a Palavra, mas não a pratica, é semelhante ao homem que olha o seu rosto no espelho e depois esquece sua imagem ao sair dali. Já aquele que “**observa atentamente a perfeita lei, que liberta**”, esse será bem-aventurado no seu feito. A bem-aventurança está associada a termos os mandamentos de Jesus tão à mão que nunca permitamos que sua guarda seja quebrada. Isso é o resultado de amarmos a Jesus (*João 14.21*). Essas são Palavras de Jesus, mas Davi disse exatamente a mesma coisa ao declarar que “**escondi a Tua Palavra no meu coração para eu não pecar contra Ti**” (*Salmo 119.11*). É entesourando a Palavra e aprendendo a honrá-la, que o efeito dela em nossas vida se manifesta.

Mais uma vez, nos versículos 26 e 27, Tiago se volta aqui para o domínio da língua. É claro que o domínio próprio não se limita ao domínio da língua, mas o tolo que não domina sua língua já deixou claro que sua religião é hipócrita. Não convence a ninguém a religião de uma pessoa que não vive em conformidade com aquilo que prega.

Alguém pode ser levado a pensar, com base no que Tiago diz a seguir, que ele está definindo o que seja a “verdadeira religião”. Isso seria um erro, contudo, pois seria uma deturpação do que seja causa e consequência. O verdadeiro seguidor de Jesus ama o seu próximo, pelo que se espera dele que cuide dos órfãos e das viúvas. Isso obviamente não implica no fato de que todos os que cuidam de órfãos e viúvas serão salvos, motivo pelo qual ele acrescenta a condição de manter-se incontaminado pelo mundo.

Tiago 2

Versículos 1 a 26

1Meus irmãos, como crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, não façam diferença entre as pessoas, tratando-as com parcialidade.

2Suponham que, na reunião de vocês, entre um homem com anel de ouro e roupas finas e também entre um pobre com roupas velhas e sujas.

3Se vocês derem atenção especial ao homem que está vestido com roupas finas e disserem: "Aqui está um lugar apropriado para o senhor", mas disserem ao pobre: "Você, fique em pé ali", ou: "Sente-se no chão, junto ao estrado onde ponho os meus pés",

4não estarão fazendo discriminação, fazendo julgamentos com critérios errados?

5Ouçam, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os que são pobres aos olhos do mundo para serem ricos em fé e herdarem o Reino que ele prometeu aos que o amam?

6Mas vocês têm desprezado o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês? Não são eles os que os arrastam para os tribunais?

7Não são eles que difamam o bom nome que sobre vocês foi invocado?

8Se vocês de fato obedecerem à lei do Reino encontrada na Escritura que diz: "Ame o seu próximo como a si mesmo", estarão agindo corretamente.

9Mas, se tratarem os outros com parcialidade, estarão cometendo pecado e serão condenados pela Lei como transgressores.

10Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente.

11Pois aquele que disse: "Não adulterarás" também disse: "Não matarás". Se você não comete adultério mas comete assassinato, torna-se transgressor da Lei.

12Falem e ajam como quem vai ser julgado pela lei da liberdade;

13porque será exercido juízo sem misericórdia sobre quem não foi misericordioso. A misericórdia triunfa sobre o juízo!

14De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo?

15Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia

16e um de vocês lhe disser: "Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se", sem porém lhe dar nada, de que adianta isso?

17Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.

18Mas alguém dirá: "Você tem fé; eu tenho obras". Mostre-me a sua fé sem obras, e eu mostrarei a minha fé pelas obras.

19Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem - e tremem!

20Insensato! Quer certificar-se de que a fé sem obras é inútil?

21Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar?

22Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras.

23Cumpriu-se assim a Escritura que diz: "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça", e ele foi chamado amigo de Deus.

24Vejam que uma pessoa é justificada por obras, e não apenas pela fé.

25Caso semelhante é o de Raabe, a prostituta: não foi ela justificada pelas obras, quando acolheu os espias e os fez sair por outro caminho?

26Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta.

Aparentemente o pré-julgamento de pessoas não era um problema só da Igreja de Jerusalém, porque Paulo também lida com esse assunto em *Romanos 2.11*, *Efésios 6.9* e *Colossenses 3.11*. Trata-se de avaliar ou receber pessoas pela sua condição (de status social, cor, grau de instrução etc...). O texto obviamente é para crentes, pois Tiago deixa claro que a fé em Jesus é totalmente incompatível com a acepção de pessoas, tendo em vista a forma indiscriminada como lidou com todos.

O exemplo que Tiago dá nos versículos 2 e 3 parece um pouco exagerado para ser verdadeiro, mas os versículos 6 e 7 não deixam dúvida de que isso é uma situação que vem se repetindo realmente nos cultos da Igreja de Jerusalém. O homem de trajes ricos e anel de ouro é a caricatura de uma pessoa que impressiona por seu aspecto (alguém de posição social elevada), enquanto o outro de trajes sujos tipifica alguém que não chama atenção. A pergunta de Tiago no versículo 4 não tem resposta, mas a anuência que espera de seus leitores é óbvia: os critérios de avaliação e acepção do exemplo são inaceitáveis.

Obviamente Tiago não está dizendo, nos versículos 5 a 7, que Deus escolheu os pobres para a salvação em detrimento dos ricos, porque, nesse caso, estaria dizendo que Deus faz a acepção que condenou no versículo 1. O que está dizendo, isso sim, é que a oferta indiscriminada de Deus é aceita prioritariamente pelos pobres, enquanto os ricos, por idolatram os seus bens, a rejeitam. Desta forma, os pobres tornam-se ricos espiritualmente aos olhos de Deus, enquanto a riqueza dos ricos os empobrece.

O versículo 6 começa, portanto, com a pergunta que retrata a incompreensão de Tiago: se ficou claro que os pobres têm aceitação prioritária do reino ao qual vocês servem, como é possível que é justamente a eles que vocês têm discriminado?

Por acaso não são os ricos, que vocês priorizam, os mesmos que oprimem vocês, arrastam vocês para as cortes de justiça e ainda difamam o nome de Jesus? Vocês trocaram completamente as coisas!

Nos versículos 8 a 13 Tiago passa a falar de uma lei régia ou lei do reino, que não está explicitamente definida no AT, mas que ele reconhece como sendo *Levítico 19.18*. Ali os israelitas são instruídos a amar o próximo como a si mesmos. Fica claro também, contudo, que Tiago conhecia muito bem os ensinamentos de Jesus, e está fazendo aqui a mesma referência que fez Jesus ao dizer, em *Mateus 22.34-40*, que esse versículo

continha a essência da Lei. Assim sendo, a lei régia, que vem desde o AT, é chamada aqui também de Lei da Liberdade ou Lei que Liberta.

Ela nos liberta através do amor de Deus, que passa a reluzir nas nossas vidas, onde Deus ama os nossos semelhantes através de nós. Obviamente isso é totalmente incompatível com a acepcão de pessoas.

Não obstante termos sido objeto do amor de Deus, que nos liberta, ficamos totalmente sob a condenação do pecado, quando fazemos acepcão de pessoas, numa clara demonstração de que pecamos, agindo por interesse, ao invés de amarmos desinteressadamente como Deus nos amou. Tornamo-nos, assim, transgressores da lei, conforme apontado por Tiago.

Na continuidade do texto Tiago rebate o argumento que muitas vezes aplicamos a nós mesmos, quando presumimos que o erro que cometemos é secundário e que Deus certamente conhece as nossas fraquezas e vai relegá-lo.

No versículo 10 ele que lembra que aquele que guarda toda a lei, mas tropeça apenas em um item, por menor que seja, torna-se transgressor da lei e culpado de toda ela.

Essa mesma realidade é exemplificada no versículo 11, dizendo que aquele que não adultera, mas mata, é tão adúltero quanto assassino, ou seja, é apenas um transgressor da Lei como o seria cometendo um delito bem menos grave. Não é à toa que Jesus torna equivalentes os pecados de irar-se e assassinar (*Mateus 5.21-22*). Isso fica ainda mais claro em *IJoão 3.15*, onde João afirma que **“quem odeia o seu irmão é assassino”**.

O versículo 12 traz uma declaração difícil para o pensamento “salvo sempre salvo”, ao exortar que falemos e ajamos como quem vai ser julgado com base na lei da liberdade. É um pensamento estranho para aqueles que se comprazem em crer que os nossos pecados passados, presentes e futuros foram cravados na cruz, pelo que não nos serão imputados. Vamos entender o raciocínio de Tiago. Em *Tiago 1.21* ele nos exortara a **“aceitarmos, humildemente, a palavra implantada em nós, a qual é poderosa para nos salvar”**. Já vimos que Deus implanta em nós um espírito novo, ou seja, um novo padrão de conduta, não mais corrompido pelo pecado, dando-nos o poder de vencer a escravidão do pecado. Vivemos agora sob a lei da liberdade para andarmos em novidade de vida. Deus espera de nós que O amemos e obedeçamos. Seremos discípulos de Jesus se fizermos o que Ele nos manda (*João 8.31*). Se O amarmos, guardaremos os Seus mandamentos (*João 14.21*). Sempre que falharmos, todavia, estaremos pecando e perdendo oportunidades a Seu serviço. O perdão mediante arrependimento sempre estará disponível, mas a oportunidade de serviço terá sido desperdiçada. Concluimos, portanto, que o juízo em apreço é de obras e não de salvação, o que parece totalmente compatível com o que diz Paulo em *II Coríntios 5.10*.

Concluindo essa parte, Tiago nos fala de como a misericórdia que temos pelos outros triunfa no juízo ao acumular para nós, também o direito à misericórdia divina. No AT, em *Zacarias 7.9-10*, Deus exorta os israelitas a agirem com misericórdia.

Lembramos que **as misericórdias do Senhor se renovam a cada manhã** (*Lamentações de Jeremias 3.22-23*). Ele espera que nos pareçamos com Ele, pelo que cumpriremos o amor ao próximo sempre que formos misericordiosos, como Ele o é.

O texto que vai do versículo 14 até o final deste capítulo pode parecer ao leitor apressado que Tiago rebate aqui os argumentos de Paulo relativos à salvação pela graça mediante a fé.

Este não é, contudo, o caso. Tiago e Paulo apresentam argumentos combatendo problemas distintos e não conflitantes. Paulo defende a salvação pela graça em contraposição àquela ganha pelas obras como se fossem penitências, ao passo que Tiago combate a fé como simples declaração de crença sem, contudo, produzir qualquer fruto. Não há dúvida que Paulo e Tiago estariam totalmente de acordo se estivessem discutindo sobre esse assunto. Em outras palavras, o seu oponente hipotético nessa discussão, que argumenta como “advogado do Diabo”, não é Paulo. Outra coisa importante neste versículo, é que a sentença final **“Acaso a fé pode salvá-lo?”** não se refere, no grego, a uma fé genérica e, sim, àquela descrita anteriormente, que não produz obras. Desta forma, ele não está negando a eficácia da fé e, sim, a da fé morta, que nada produz.

Cabe aqui uma discussão sobre o sentido exato da palavra grega traduzida aqui por salvar. Não raramente, ela é usada para significar “entrada garantida no Reino de Deus”, mas em outras ocasiões tem o sentido de “livrar do pecado”. Aqui os argumentos de Tiago parecem favorecer a segunda tradução, do contrário Tiago estaria em flagrante conflito com o que diz Paulo acerca de um irmão “sem obras”, cuja salvação se dá, como que saindo de um incêndio, sem nada levar (*ICoríntios 3.15*). Resumindo, Tiago não está negando a existência de crentes sem obras no céu, mas estaria dizendo que permanecem totalmente mundanos e derrotados pelo pecado. As causas para tanto certamente estariam associadas à falta de amor ao próximo e da prática da misericórdia. No juízo da avaliação de seus feitos, esse irmão certamente sai perdedor.

Tiago produz aqui um exemplo hipotético onde retrata um crente que é procurado pelos seus irmãos necessitados aos quais ele se dirige “piedosamente”, desejando que Deus supra suas necessidades, mas sem tomar qualquer iniciativa de ajudar, não obstante ter meios para fazê-lo. Desta forma ele não ajudou em nada aos irmãos e, ele mesmo, que poderia ter exercitado misericórdia, perde uma boa oportunidade de fazê-lo. Retratando uma situação similar, João pergunta **“como estará nele o amor de Deus?”** (*João 3.18*). Falando sobre o culto na forma de jejum, Isaías diz que o verdadeiro jejum (ou o verdadeiro culto racional a Deus) é **“partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o nu, que você encontrou, e não recusar ajuda ao próximo”** (*Isaías 58.7*). Na continuidade desse versículo, os dois seguintes contêm uma linda promessa, segundo a qual **“aí sim, a sua luz irromperá como a alvorada, e prontamente surgirá a sua cura; a sua retidão irá adiante de você, e a glória do Senhor estará na sua retaguarda. Aí sim, você clamará ao Senhor, e Ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: aqui estou”**.

A conclusão de Tiago para a fé de tal pessoa no versículo 17 é de que se trata de uma fé morta. Em termos práticos, tanto esse crente pode nunca ter nascido, ou seja, não ser um crente, como pode ser um crente que continua a dar lugar ao pecado em sua vida, pelo que vive como se crente não fosse.

No versículo 18 parece haver uma dificuldade de interpretar, exatamente, quais as palavras que são pronunciadas pelo opositor hipotético e onde Tiago começa a contra-argumentar, pois a pergunta feita parece ser o contrário da esperada. Tiago vinha criticando alguém que diz ter fé, sem mostrar as obras. A sequência lógica exigiria que o argumento fosse “você tem obras, eu tenho fé” e a resposta de Tiago viria na continuidade. Para remediar isso, alguns comentaristas acham que isso não é um “advogado do Diabo” e, sim, alguém que concorda com o ponto levantado por Tiago. Aí a frase faz sentido, porém fica sem sentido dizer “mas alguém dirá” se essa pessoa concorda com o que foi dito. Outra alternativa é imaginar que a pontuação da NVI está errada e que o interlocutor se limitou a perguntar se Tiago tinha fé (“você tem fé?”). Tiago, então, responderia que ele tem obras, mas que pode mostrar sua fé através delas enquanto seu opositor não consegue provar a fé que diz ter.

Há outras interpretações para as dificuldades da falta de pontuação do grego, mas dentro da sequência lógica do texto, não há qualquer dúvida do ponto que Tiago está querendo demonstrar: fé sem obras não existe e é necessário que produza obras para se provar.

Com este exemplo, Tiago começa mostra em que implica o fato de alguém ter uma fé que não passa de conhecimento intelectual ou uma confissão de fé por meio de uma sentença pré-estabelecida. Crer que Deus existe e que é Único é algo comum tanto ao Judaísmo como ao Cristianismo (aliás, ao Islã também), mas que é comum, igualmente, aos demônios. Isso não chega, contudo, a representar qualquer vantagem, pois eles, os demônios, creem e morrem de medo.

Repetir o Shemá de *Deuteronômio 6.4* não servia de nada se o israelita do AT não guardasse a lei. Assim também o crente do NT não se torna um cristão por abrir a boca e confessar Jesus como Senhor, embora muitos assim o creiam, mas por dar as costas ao pecado e resolver andar em novidade de vida. Essa é a sinceridade que Deus reconhece e que Paulo expressa em *Romanos 10.9-10*: “**se com a sua boca, você confessar Jesus como Senhor** (cujos mandamentos você vai passar a observar) **e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos** (pelo que Ele tenha pago completamente os pecados que você cometeu e agora está abandonando), **então você será salvo**”.

No versículo 20 Tiago se prepara para apresentar dois exemplos, com os quais quer mostrar que a fé que simplesmente faz declarações a respeito de Deus, sem conhecê-LO e representar algum tipo de compromisso é vã, inoperante, vazia, morta etc... Ele faz isso tomando dois exemplos do AT para mostrar que sempre foi assim, mesmo na antiga aliança.

A “justificação pelas obras” em contraposição à “justificação pela fé”, amplamente pregada por Paulo (por exemplo em *Romanos 4.5* e *Efésios 2.8-9*), é um dos pontos mais difíceis deste texto. Para que possamos continuar a dizer que não há divergência entre o que diz Paulo e aquilo que escreve Tiago, é necessário esclarecer que “justificação” não tem o mesmo significado para os dois. Wesley é o teólogo que talvez tenha dito isso com maior clareza. Ele chama isso de justificação inicial e justificação final. A primeira é aquela que corresponde ao sermos transportados do reino das trevas para o Reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*). Essa foi a justificação que foi atribuída a Jesus no momento de Sua ressurreição (*Romanos 4.25*) e que chegou até nós por ter sido Ele o Primogênito dentre muitos irmãos, que somos nós. A justificação final, em termos apocalípticos, seria aquela obtida no dia em que todos os crentes serão julgados por suas obras. Elas revelam, tal como a predisposição de Abraão de sacrificar Isaque, a nossa total vontade de obedecer e servir ao nosso Senhor. Sob este aspecto, a fé de Abraão foi confirmada por sua obediência, que trouxe a ele a garantia da justificação final. A palavra justificação foi usada, também, por Jesus no mesmo sentido em *Mateus 12.37*, onde Ele advertia seus ouvintes sobre a condenação ou absolvição em função das palavras que tiverem pronunciado. As boas palavras seriam aquelas pronunciadas em obediência à aliança, enquanto as más seriam aquelas que a feriam. O perdão de pecados na antiga aliança, contudo, era obtida pelo sacrifício dos animais, que apontavam para o verdadeiro Cordeiro.

A continuidade do texto nos mostra, claramente, quando Tiago se dirige novamente a seu interlocutor hipotético, que ele não fala só de obras, mas de obras que tornam a fé operante. Elas atuam “juntas”, levando ao aperfeiçoamento da fé. Ora, parece até que estamos de volta ao início do primeiro capítulo, onde as nossas “obras”, que nos dão a vitória na provação, devem ser entendidas como motivo de grande alegria por nos levarem à maturidade. A fé de Abraão, demonstrada através de sua obediência, fez com que ele amadurecesse. Tendo apresentado o seu argumento, ele agora diz que “cumpru-se assim a Escritura” de *Gênesis 15.6*, pronunciada pelo menos 25 anos antes do evento do sacrifício de Isaque. Esse é o texto que narra um encontro de Deus com Abraão depois dele ter resgatado Ló e dado o dízimo a Melquisedeque. Nesta ocasião ele questionou Deus sobre o fato de não ter herdeiro e Deus lhe prometeu um de suas próprias entranhas. A Bíblia diz que ele creu e que isso lhe foi imputado como justiça. Ora, Paulo ressalta que Deus justificou a Abraão porque ele creu e não porque acumulara mérito (*Romanos 4.1-7*). Mesmo assim, Tiago agora diz que essa fé germinou e produziu obras, que atestam a veracidade da mesma. Ele ainda continua dizendo que, em consequência disso, Abraão se tornou “amigo de Deus”. A primeira vez que Abraão é citado como amigo de Deus é numa oração de Josafá em *II Crônicas 20.7* e a primeira vez que Deus o cita é através do profeta Isaías em *Isaías 41.8*. Assim, no versículo 24, Tiago conclui que o homem é justificado não apenas pela fé que se expressa através de uma confissão, mas por aquela que se confirma através de obras de obediência.

No exemplo do versículo 25, Tiago sequer entra em detalhes sobre Raabe, pressupondo que todos conheçam a história da prostituta que, não obstante o seu passado negativo,

foi justificada por Deus, devido à sua fé, expressa ao dizer que “o Senhor, o seu Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra”, mas que foi igualmente confirmada por suas obras de obediência. Deus a exaltou de tal maneira, que a incluiu na ascendência do Messias.

Tiago termina o esse capítulo reforçando o seu argumento de que fé sem obras não existe, tanto quanto não existe vida sem a presença do espírito no homem.

Tiago 3

Versículos 1 a 18

1Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor.

2Todos tropeçamos de muitas maneiras. Se alguém não tropeça no falar, tal homem é perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo.

3Quando colocamos freios na boca dos cavalos para que eles nos obedeçam, podemos controlar o animal todo.

4Tomem também como exemplo os navios; embora sejam tão grandes e impelidos por fortes ventos, são dirigidos por um leme muito pequeno, conforme a vontade do piloto.

5Semelhantemente, a língua é um pequeno órgão do corpo, mas se vangloria de grandes coisas. Vejam como um grande bosque é incendiado por uma simples fagulha.

6Assim também, a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade. Colocada entre os membros do nosso corpo, contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno.

7Toda espécie de animais, aves, répteis e criaturas do mar doma-se e tem sido domada pela espécie humana;

8a língua, porém, ninguém consegue domar. É um mal incontrolável, cheio de veneno mortífero.

9Com a língua bendizemos o Senhor e Pai e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

10Da mesma boca procedem bênção e maldição. Meus irmãos, não pode ser assim!

11Acaso podem sair água doce e água amarga da mesma fonte?

12Meus irmãos, pode uma figueira produzir azeitonas ou uma videira figos? Da mesma forma, uma fonte de água salgada não pode produzir água doce.

13Quem é sábio e tem entendimento entre vocês? Que o demonstre por seu bom procedimento, mediante obras praticadas com a humildade que provém da sabedoria.

14Contudo, se vocês abrigam no coração inveja amarga e ambição egoísta, não se gloriem disso nem neguem a verdade.

15Esse tipo de "sabedoria" não vem dos céus, mas é terrena; não é espiritual, mas é demoníaca.

16Pois onde há inveja e ambição egoísta, aí há confusão e toda espécie de males.

17Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura; depois, pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera.

18O fruto da justiça semeia-se em paz para os pacificadores.

Este capítulo fala a respeito de problemas associados à falta de controle da língua, mas é importante notar que esse assunto, conquanto ocupe a maior parte do texto, não é o assunto de abertura. Tiago começa o capítulo advertindo a respeito de pessoas que querem ensinar as verdades do reino, sem atentar para o fato de que elas mesmas devem apresentar um comportamento cristão condizente com a sua mensagem, pois é isso que Deus exige delas. Não é possível ensinar as verdades da vida cristã sem vivê-las. O primeiro versículo termina com uma informação de que as pessoas que ensinam serão julgadas por Deus com maior rigor. O rigor em apreço diz respeito ao fato de podermos ser culpados de fazer com que outras pessoas se percam graças à nossa hipocrisia.

Tendo feito essa advertência, Tiago, então, passa a falar sobre o quanto é fácil pecar ao abirmos a boca. Ele reconhece que todos pecamos, das mais diversas maneiras, mas que as pessoas que dominam a língua, são capazes, igualmente, de dominar todo o seu corpo (versículo 2). Na realidade, diz ele, os cavalos nos mostram isso claramente. Colocamos um arreio na boca do cavalo e com eles controlamos todo o seu corpo. De igual modo controlamos os navios, açoitados pelo vento, com um pequeno leme, através do qual o piloto os dirige (versículos 3 e 4).

Nos versículos 5 a 8 ele fala sobre o quão nociva a língua pode se tornar. Apesar de ser um órgão pequeno, parece que está sempre contando vantagem e funciona como um fogo capaz de incendiar uma grande floresta. Os maiores animais são todos passíveis de serem domados, mas a língua, infelizmente, não.

Já nos versículos 9 a 12, Tiago ressalta a sua total incoerência, porque da mesma forma como usamos a língua para louvar a Deus, também a empregamos para ofender nossos semelhantes, criados à Sua semelhança. Se por um lado água doce e salgada não podem sair da mesma fonte e a mesma árvore é incapaz de dar frutos diferentes, então, não tem sentido que das nossas bocas saiam bênçãos e maldições.

Finalmente, Tiago usa o resto deste capítulo para falar da verdadeira sabedoria, qual seja aquela que provém de Deus. A forma de reconhecê-la é através das obras que ela produz nas nossas vidas. Se ela for pura, produzindo paz, amor, misericórdia, bons frutos, imparcialidade e sinceridade, então, é espiritual e procede dos céus. Caso seus frutos sejam inveja, amargura, egoísmo, confusão e toda espécie de males, então, é demoníaca e procede do inferno.

Tiago 4

Versículos 1 a 17

1De onde vêm as guerras e contendas que há entre vocês? Não vêm das paixões que guerreiam dentro de vocês?

2Vocês cobiçam coisas, mas não as têm; matam e invejam, mas não conseguem obter o que desejam. Vocês vivem a lutar e a fazer guerras. Não têm, porque não pedem.

3 Quando pedem, não recebem, pois pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres.

4 Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus.

5 Ou vocês acham que é sem razão que a Escritura diz que o Espírito que ele fez habitar em nós tem fortes ciúmes?

6 Mas ele nos concede graça maior. Por isso diz a Escritura: "Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes".

7 Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.

8 Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês! Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração.

9 Entristeçam-se, lamentem-se e chorem. Troquem o riso por lamento e a alegria por tristeza.

10 Humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará.

11 Irmãos, não falem mal uns dos outros. Quem fala contra o seu irmão ou julga o seu irmão fala contra a Lei e a julga. Quando você julga a Lei, não a está cumprindo, mas está agindo como juiz.

12 Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas quem é você para julgar o seu próximo?

13 Ouçam agora, vocês que dizem: "Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro".

14 Vocês nem sabem o que acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa.

15 Em vez disso, deveriam dizer: "Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo".

16 Agora, porém, vocês se vangloriam das suas pretensões. Toda vanglória como essa é maligna.

17 Portanto, pensem nisto: Quem sabe que deve fazer o bem e não o faz comete pecado.

Quando lemos na Bíblia a respeito da intimidade que tiveram com Ele alguns dos servos do Senhor, invariavelmente somos levados a pensar o quão bom seria se também nós tivéssemos essa mesma intimidade. É claro que todos podemos tê-la, desde que compartilhemos com Ele os mesmos interesses.

Já os interesses descritos por Tiago no início deste capítulo nos mostram, claramente, porque alguns de nós nunca chegamos a ter a intimidade desejada. Tiago fala de paixões mundanas que guerreiam dentro de nós e que são expressas externamente pela forma como criam disputas nossas com os nossos irmãos.

Se cobiçamos as coisas que só servem para nos afastar de Deus, é claro que Ele não vai permitir que as tenhamos. A gente ora pedindo coisas que vão nos prejudicar, em detrimento daquelas que precisamos e deixamos de pedir. Deixamos, então, de receber tanto aquelas como estas, porque o nosso interesse pelo mundo produz inimizade com Deus. Tiago deixa bem claro aqui que os amigos do mundo se tornam automaticamente inimigos de Deus.

O versículo 5 tem uma citação curiosa, porque não consta que tenha sido encontrado um texto bíblico que diga que o Espírito Santo de Deus em nós sente forte ciúmes quando nossa atenção se volta para o mundo. Por outro lado, a citação do versículo 6, qual seja, que "**Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes**", vem claramente de *Provérbios 3.34*.

No contexto, que se estende do versículo 5 ao 10, Tiago continua a falar sobre crentes mundanos, que têm as mãos sujas de pecado, que são soberbos e cuja mente está dividida. Estes devem purificar os seus corações, se arrepender de seus pecados, trocar o seu riso por lamento e sua alegria pela tristeza que advém de reconhecerem o seu comportamento mundano. Eles devem se humilhar diante de Deus.

Nos versículos 11 e 12, Tiago, que vem criticando os crentes mundanos desde o primeiro versículo deste capítulo, mais uma vez se dirige a eles para pedir que não falem mal de seus irmãos. Ele já tinha dito acima, que as brigas entre eles vêm do mundanismo em seus corações, mas aqui Tiago diz que eles passam a se comportar como se fossem juízes, sem que tenham sido comissionados para tanto.

Embora Tiago não o diga, parece continuar a se dirigir a esses mesmos irmãos mundanos ao discorrer, nos cinco versículos finais deste capítulo, a respeito da forma como eles vivem totalmente independentes de Deus, fazendo planos como se suas vidas não fossem dependentes de Sua vontade.

Como, na realidade, eles não conhecem o que lhes acontecerá no dia de amanhã, seu discurso deveria, no mínimo, começar com “se o Senhor quiser” faremos isso ou aquilo.

Tiago 5

Versículos 1 a 20

1Ouçam agora vocês, ricos! Chorem e lamentem-se, tendo em vista a desgraça que virá sobre vocês.

2A riqueza de vocês apodreceu, e as traças corroeram as suas roupas.

3O ouro e a prata de vocês enferrujaram, e a ferrugem deles testemunhará contra vocês e como fogo devorará a sua carne. Vocês acumularam bens nestes últimos dias.

4Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.

5Vocês viveram luxuosamente na terra, desfrutando prazeres, e fartaram-se de comida em dia de abate.

6Vocês têm condenado e matado o justo, sem que ele ofereça resistência.

7Portanto, irmãos, sejam pacientes até a vinda do Senhor. Vejam como o agricultor aguarda que a terra produza a preciosa colheita e como espera com paciência até virem as chuvas do outono e da primavera.

8Sejam também pacientes e fortaleçam o seu coração, pois a vinda do Senhor está próxima.

9Irmãos, não se queixem uns dos outros, para que não sejam julgados. O Juiz já está às portas!

10Irmãos, tenham os profetas que falaram em nome do Senhor como exemplo de paciência diante do sofrimento.

11Como vocês sabem, nós consideramos felizes aqueles que mostraram perseverança. Vocês ouviram falar sobre a perseverança de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia.

12Sobretudo, meus irmãos, não jurem, nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outra coisa. Seja o sim de vocês, sim, e o não, não, para que não caiam em condenação.

13Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores.

14Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor.

15A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E, se houver cometido pecados, ele será perdoado.

16Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.

17Elias era humano como nós. Ele orou fervorosamente para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos e meio.

18Orou outra vez, e os céus enviaram chuva, e a terra produziu os seus frutos.

19Meus irmãos, se algum de vocês se desviar da verdade e alguém o trouxer de volta,

20lembrem-se disto: Quem converte um pecador do erro do seu caminho salvará a vida dessa pessoa e fará que muitíssimos pecados sejam perdoados.

Tiago já havia falado a respeito da forma como devem se comportar os crentes ricos que porventura percam os seus bens (*Tiago 1.10-11*). Aqui, contudo, os versículos 1 a 6 parecem ser dirigidos aos ricos em geral, que colocam a sua prioridade em seus bens e que chegam a matar para crescerem. Ele, portanto, os adverte para que percebam a desgraça que lhes sobrevirá. Eles serão julgados pela própria riqueza que não conseguem levar para o túmulo, mas que mesmo assim testificará contra eles.

Deixaram de pagar àqueles a quem deviam, com a finalidade de viverem luxuosamente sobre a Terra, mas aquilo que acumularam e pelo qual até mataram, de nada lhes valerá no futuro.

Tendo deixado claro, para os irmãos da Igreja, o real destino daqueles que os oprimem e vivem aqui nababescamente, Tiago passa a recomendar a eles que sejam pacientes e confiantes no Senhor, dando como exemplo a dependência que os agricultores têm da chuva no momento propício. Essa confiança deve ser alicerçada, também, no fato de que a vinda do Senhor está próxima.

É claro que já se passaram, neste meio tempo, mais de dois milênios e o Senhor, cuja vinda estava às portas, ainda não veio, mas a recomendação, tanto para eles como para nós hoje, é que também sejamos pacientes e que não se esmoreçam os nossos corações. Além disso, não devemos nos queixar uns dos outros, porque isso daria margem para que nós mesmos possamos ser julgados.

Nos versículos 10 e 11, Tiago cita como exemplos de pessoas pacientes os profetas do AT, que falavam em nome do Senhor, recebendo em troca apenas perseguição e, fora do âmbito de Israel, o perseverante Jó, que foi acusado de corrupto pelos próprios amigos, mas que preferiu esperar no Senhor, que o recompensou regiamente.

Tiago, no versículo 12, não está condenando as juras, porque o próprio Deus fez juramentos conforme podemos observar em *Hebreus 6.17*. O juramento é algo que fazemos em nome de alguém com mais credibilidade que nós, para que a nossa palavra tenha mais peso. O que Tiago está dizendo, isso sim, é que a nossa palavra deve ser tão confiável, que todo e qualquer coisa que digamos seja digna de credibilidade.

Nos versículos 13 a 16 Tiago está dizendo aos irmãos da Igreja como devem ser encarados os problemas do dia a dia. O nosso sofrimento deve ser motivo de nossas orações, a nossa alegria deve suscitar louvor, para as nossas doenças devemos buscar cura com orações e com a unção de óleo dos irmãos mais experimentados e os nossos pecados serão perdoados mediante a confissão dos mesmos, tanto ao Senhor como às pessoas que ofendemos pecando contra elas.

É lindo sabermos que **a oração de um justo é poderosa e eficaz** (ou **pode muito em seus efeitos** – como decorei há muitos anos). Houve uma época em que eu atribuía à minha falta de justiça, o fato de minhas orações não serem respondidas. Isso, contudo, era um pensamento embasado na minha falta de conhecimento bíblico. A minha justiça vem do Senhor, pelo que nunca vou ser mais justo, do que a justiça dEle que me foi atribuída. Na realidade o próprio Tiago já tinha dito acima que **“pedimos e não recebemos porque pedimos mal”** (*Tiago 4.3*). Sempre que eu pedir, segundo a vontade do Senhor, a minha oração será, sim, poderosa e eficaz.

Como exemplo disso, ele nos lembra o feito de Elias, ao orar, com sucesso, para que não chovesse e, novamente, para que as chuvas fossem derramadas, com estas vindo abundantemente.

Encerrando a sua carta, Tiago nos fala de nosso papel de pregadores do Evangelho, tanto dentro como fora da igreja. Converter alguém do seu mau caminho, tanto se aplica a um irmão em pecado, como a qualquer não crente. O nosso papel é sempre amá-lo e trazer para ele uma palavra do Senhor que o leve ao arrependimento.

IPedro 1

Versículos 1 a 25

1Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos de Deus, peregrinos dispersos no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na província da Ásia e na Bitínia,
2escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersion do seu sangue: Graça e paz lhes sejam multiplicadas.

3Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,

4para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês

5que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação prestes a ser revelada no último tempo.

6Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação.

7Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado.

8Mesmo não o tendo visto, vocês o amam; e, apesar de não o verem agora, creem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa,

9pois vocês estão alcançando o alvo da sua fé, a salvação das suas almas.

10Foi a respeito dessa salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram,

11procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava, quando predisse a vocês os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam àqueles sofrimentos.

12A eles foi revelado que estavam ministrando, não para si próprios, mas para vocês, quando falaram das coisas que agora lhes são anunciadas por meio daqueles que pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado dos céus; coisas que até os anjos anseiam observar.

13Portanto, estejam com a mente preparada, prontos para agir; estejam alertas e ponham toda a esperança na graça que será dada a vocês quando Jesus Cristo for revelado.

14Como filhos obedientes, não se deixem amoldar pelos maus desejos de outrora, quando viviam na ignorância.

15Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem,

16pois está escrito: "Sejam santos, porque eu sou santo".

17Uma vez que vocês chamam Pai àquele que julga imparcialmente as obras de cada um, portem-se com temor durante a jornada terrena de vocês.

18Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados,

19mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito,

20conhecido antes da criação do mundo, revelado nestes últimos tempos em favor de vocês.

21Por meio dele vocês creem em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e o glorificou, de modo que a fé e a esperança de vocês estão em Deus.

22Agora que vocês purificaram a sua vida pela obediência à verdade, visando ao amor fraternal e sincero, amem sinceramente uns aos outros e de todo o coração.

23Vocês foram regenerados, não de uma semente perecível, mas imperecível, por meio da palavra de Deus, viva e permanente.

24Pois toda a humanidade é como a relva e toda a sua glória como a flor da relva; a relva murcha e cai a sua flor,

25mas a palavra do Senhor permanece para sempre". Essa é a palavra que foi anunciada a vocês.

Esta carta começa identificando claramente o autor, Pedro, ao dizer que ele é um apóstolo de Jesus Cristo. Embora não falem aqueles que encontram, no bom grego desta carta, motivo suficiente para dizer que se trata de alguém se fazendo passar por ele, a verdade é que os pais da Igreja não pensavam assim. Além disso, reconhece-se o fato de que Silvano, a pessoa que redigiu a carta, ter sido um natural da língua grega, o que justifica plenamente o bom grego “de Pedro”.

Sua carta é escrita aos “**eleitos de Deus, peregrinos dispersos no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na província da Ásia e na Bitínia**”, regiões que hoje estão todas contidas na Turquia (ver figura 4).



Figura 4 - Localização das igrejas destinatárias da carta de I Pedro

Na mesma figura está indicada a 2ª viagem missionária de Paulo, que esteve mais a norte nesta região, mostrando que destas províncias citadas por Pedro ele só não estivera no Ponto e na Bitínia.

Admite-se que Paulo tenha sido morto no ano 62d.C. e que Pedro, que também estava em Roma, tivesse, também, bons motivos para se preocupar com as igrejas fundadas por ele. Assim, essa carta, provavelmente escrita no ano 64d.C., ao início das

perseguições religiosas empreendidas por Nero, eram destinadas tanto aos judeus convertidos, que se “dispersaram” por essa região, como aos convertidos gentios, das igrejas fundadas por Paulo e seus auxiliares.

O versículo 2 continua falando desses eleitos, dizendo que foram escolhidos pela pré-ciência de Deus Pai, lembrando o que foi dito por Paulo em *Romanos 8.29*, ou seja, que Ele predestinou aqueles que de antemão conheceu, para serem santos como é o Seu Filho Jesus, O qual foi o primogênito deles, ou seja o primeiro a nascer de novo pela obra santificadora do Espírito Santo.

Os comentaristas, como Champlin, por exemplo (/49/, vol 6, pág. 89) ressaltam o quanto Pedro cita Paulo em seu texto. Isso é perfeitamente lógico, já que os dois estão sendo dirigidos pelo mesmo Espírito.

Nada melhor, portanto, do que fazermos coro com Pedro bendizendo a Deus, o Pai de nosso Senhor, por nos ter regenerado para uma esperança viva, que começou com o primogênito, Jesus, e foi estendida a nós, que fomos feitos co-herdeiros de uma vida imaculável, guardada para nós nos céus e que nos foi oferecida gratuitamente desde que a aceitemos pela fé.

O versículo 6 deixa claro que “nisto”, ou seja, nessa maravilhosa salvação provida por Deus e mencionada acima, os seus destinatários estariam se alegrando, embora eles, por pouco tempo, sejam entristecidos pelas perseguições que iriam sofrer, em função da perseguição aos cristãos, que estava começando a ser produzida por ordem de Nero.

Obviamente a intenção de quem persegue (Nero, no caso) é fazer com que os perseguidos abdicuem de sua fé. Pedro, por sua vez, nos diz que o seu efeito é exatamente o contrário, porque ela prova que a fé, que têm os crentes em Jesus, é muito mais valiosa do que o ouro, mesmo depois de refinado pelo fogo, pois a fé genuína resultará em louvor, glória e honra, na segunda vinda de Jesus (versículo 7).

Tudo no relacionamento com Deus parece ser diferente. Pedro lembra aos seus destinatários que eles, mesmo nunca tendo visto Jesus e mesmo sem poder vê-lo ainda, criam nele e exultavam com uma alegria maravilhosa, devido à certeza de salvação que sua fé lhes proporcionava (versículos 8 e 9).

Os versículos 10 a 12 trazem uma visão de como interagem os ensinamentos do Antigo e do Novo Testamentos. Pedro começa falando da revelação de Deus aos profetas do AT que falavam da graça a ser derramada pelo Messias, mas que não a entendiam ou conheciam perfeitamente, embora se esforçassem por compreendê-la. O Espírito de Cristo ou o Espírito Santo derramado sobre eles, trazia informações que procuravam datar e contextualizar, relativos aos sofrimentos a que Ele seria submetido e a glória que se seguiria aos mesmos. Como suas mensagens não eram para aqueles dias, ficou claro para eles que elas só seriam totalmente compreendidas por servos do futuro, que Pedro diz serem os seus destinatários, por finalmente entenderem o Evangelho do Espírito Santo, que lhes foi preparado e para o qual os próprios anjos estão muito atentos.

Em função disso, Pedro alerta os seus leitores para que estejam prontos a agir de modo a priorizar as coisas do Reino. Toda a sua esperança tinha que estar na graça a ser derramada quando da volta de Cristo. Até lá eles tinham que ser obedientes à voz do Espírito, deixando para trás os desejos da carne que outrora norteavam suas vidas. Era importantíssimo viverem vidas santas, porque Aquele que os tinha convocado é santo e quer que todos os Seus filhos também o sejam (versículos 13 a 16).

O fato de seus leitores agora chamarem de Pai esse Deus santo, que os avalia segundo a Sua própria santidade, deve gerar em Seus filhos um grande temor que norteie toda a sua jornada terrena (versículo 17).

Pedro ressalta a necessidade de terem em mente o alto valor pelo qual foram comprados e que permitiu que fossem adotados como filhos de Deus. Não foi com prata e ouro, que têm valor passageiro, mas com o precioso sangue de um cordeiro conhecido de Deus antes da fundação do mundo, mas que veio ao mundo nestes últimos tempos, justamente em favor deles. Assim sendo, é por meio dEle, Jesus, a Quem o Pai ressuscitou dentre os mortos, que fundamentamos a nossa fé e a nossa esperança em Deus (versículos 18 a 21).

No versículo 22 Pedro ressalta que aqueles que tiveram sua vida purificada, pela obediência à verdade, devem amar sinceramente e de todo coração todos aqueles que passaram pelo mesmo processo. Afinal de contas somos irmãos, filhos do Pai celeste.

O versículo 23 nos dá uma informação muito interessante. Pedro diz que fomos regenerados por uma semente imperecível, por meio da Palavra de Deus. A morte espiritual significa a contaminação do nosso espírito pelo pecado. Já o nosso novo nascimento reside no fato de ganharmos um espírito novo (*Ezequiel 36.26*). A informação dada por Pedro nos permite concluir que este novo espírito não é mais contaminável, visto ser imperecível. Isso nos assegura que nossa salvação não pode ser perdida. A única ressalva nesse caso é a faculdade de termos de abrir mão dela, conforme previsto em *Hebreus 6.4-6*.

Ora, tudo que diz respeito à nossa humanidade é perecível, juntamente com toda a sua glória, mas como fomos regenerados por meio da Palavra, que permanece para sempre, segue que também nós somos imperecíveis, permanecendo igualmente para sempre.

IPedro 2

Versículos 1 a 25

1Portanto, livrem-se de toda maldade e de todo engano, hipocrisia, inveja e toda espécie de maledicência.

2Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação,

3agora que provaram que o Senhor é bom.

4 À medida que se aproximam dele, a pedra viva - rejeitada pelos homens, mas escolhida por Deus e preciosa para ele - ,

5 vocês também estão sendo utilizados como pedras vivas na edificação de uma casa espiritual para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo.

6 Pois assim é dito na Escritura: "Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa, e aquele que nela confia jamais será envergonhado".

7 Portanto, para vocês, os que creem, esta pedra é preciosa; mas, para os que não creem, "a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular"

8 e "pedra de tropeço e rocha que faz cair". Os que não creem tropeçam, porque desobedecem à mensagem; para o que também foram destinados.

9 Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

10 Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam.

11 Amados, insisto em que, como estrangeiros e peregrinos no mundo, vocês se abstenham dos desejos carnis que guerreiam contra a alma.

12 Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticar o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da intervenção dele.

13 Por causa do Senhor, sujeitem-se a toda autoridade constituída entre os homens; seja ao rei, como autoridade suprema,

14 seja aos governantes, como por ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem.

15 Pois é da vontade de Deus que, praticando o bem, vocês silenciem a ignorância dos insensatos.

16 Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus.

17 Tratem a todos com o devido respeito: amem os irmãos, temam a Deus e honrem o rei.

18 Escravos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus.

19 Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente.

20 Pois que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas, se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus.

21 Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando exemplo, para que sigam os seus passos.

22 "Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca."

23 Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça.

24 Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados.

25Pois vocês eram como ovelhas desgarradas, mas agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas.

No capítulo anterior Pedro falou muito a respeito da salvação que tinham alcançado em Jesus os leitores desta carta. Nos últimos versículos ele falou a respeito do amor que deveriam nutrir pelos seus irmãos e agora, no primeiros 10 versículos desse capítulo continua falando a respeito do processo de santificação que segue à conversão.

Ele começa recomendando que se livrem da maldade, do engano, da hipocrisia, da inveja e de todo tipo de maledicência, que antes dominava as suas vidas. Ao invés disso, agora que provaram a bondade do Senhor, a sua atenção, como recém-nascidos, deveria se voltar, de todo coração, ao leite puro que lhes permitiria crescer espiritualmente (versículos 1 a 3).

Os versículos 4 a 10 enfatizam o novo sentido que suas vidas tomaram ao se tornarem **geração eleita, sacerdócio real, nação santa e povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz**. É verdade que seriam pedras vivas, rejeitadas pelo homens, mas preciosos para Deus. Eles seriam usados para a edificação da casa de Deus, cuja Pedra Angular, Jesus, foi posta em Sião e que é pedra de tropeço para quem a rejeita, mas escolhida e maravilhosa para quem nEle confia.

Tanto os leitores de Pedro como nós também, que nem povo éramos e que nenhuma misericórdia conhecíamos, agora nos tornamos povo de Deus, objeto de Sua misericórdia maravilhosa.

No versículo 11 Pedro volta a fazer uma exortação no sentido de produzir santidade de vida. Seus leitores, pessoas amadas dele, mas que eram tratados com restrições de cidadania no mundo, deveriam se abster dos desejos da carne por serem contrários aos ensejos do Espírito, produzindo contra Ele uma verdadeira guerra. Aparentemente se trata de uma citação de *Gálatas 5.16-17*, onde Paulo diz exatamente a mesma coisa.

A ideia de viver entre os pagãos de maneira exemplar é completamente diferente do que pensam muitos crentes, que optam por viver segregados das pessoas do mundo. Para que, mesmo os nossos inimigos, observem o nosso procedimento e reconheçam que Deus está por trás dele, é necessário que os tratemos com interesse pelo seu bem-estar. Isso é muito mais do que simples cordialidade. Nosso comportamento deve testemunhar do Jesus que dizemos habitar em nós. Deve produzir o interesse das pessoas a ponto de quererem algo similar para si mesmas (versículo 12).

Em qualquer situação, quer tenhamos um governo que nos seja favorável, quer não, por causa do Senhor, ou seja, por respeito às instruções que recebemos dEle (veja, por exemplo, *Romanos 13.1-2*), os leitores de Pedro, e nós hoje de igual forma, devemos nos sujeitar a toda autoridade constituída, porque são por Ele instituídas. Embora o texto diga que essas autoridades são por Ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem, sabemos que não raramente procedem de forma oposta

a isso. Mesmo assim, contudo, devemos nos sujeitar a elas simplesmente por respeito ao Senhor (versículos 13 e 14).

O versículo 15 parece retornar ao ensino do versículo 12, mas o mais provável é que Pedro esteja dizendo que o respeito às autoridades, principalmente quando nos são contrárias, corresponde a um comportamento que faz calar a ignorância dos insensatos.

As pessoas livres, às quais Pedro se refere no versículo 16, são os crentes que não pecam por não mais serem escravos do pecado (*João 8.34-36*). Isso inclui os leitores de Pedro e também a nós cristãos do século 21. Não devemos usar a nossa liberdade para fazer o mal. Paulo deixa isso mais claro em *Gálatas 5.13-14*. Ali ele nos exorta dizendo: "Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor. Toda a Lei se resume num só mandamento: "Ame o seu próximo como a si mesmo".

Pedro encerra o assunto dizendo que isso corresponde a viver como servo de Deus, tratando a todos com o devido respeito, amando os irmãos, temendo a Deus e honrando o rei.

Embora os versículos 18 a 20 tragam uma recomendação para os escravos, a palavra grega utilizada não é "douloi", que já se tornou bastante conhecida da maioria de nós e sim "oiketai", que são os trabalhadores "oikos" que é uma comunidade doméstica. As relações de trabalho da época eram bem mais rígidas que as de hoje e o patrão tinha um status social bem diferente da que tinham seus servos, que eram socialmente desqualificados. Por esse motivo era até estranho que Pedro fizesse menção deles em sua carta. Devemos lembrar, contudo, que na comunidade cristã (como novas criaturas em Cristo) patrão e empregado passavam a ter o mesmo status de "irmãos". Isso era uma situação estranha para os de fora, pelo que não apenas Pedro, mas Paulo também os menciona em *Efésios 6.5-8*, *Colossenses 3.22-25* e *Gálatas 3.28*.

Pedro está dizendo, portanto, que os empregados devem se sujeitar (mesmo verbo usado para as autoridades) aos empregadores, independente do fato de serem bons ou maus. Isso porque o fazemos por temor ao Senhor. Esse é o motivo pelo qual Pedro diz que é louvável sofrermos injustamente. É claro que havendo oportunidade de termos um emprego melhor com um empregador justo, devemos considerá-lo e, se Deus assim nos orientar, mudar de emprego, mas enquanto estivermos a serviço de determinado empregador, devemos respeitá-lo.

Ele completa essa ideia no versículo 20, dizendo que não há qualquer vantagem em sermos castigados por termos feito algo errado. O louvável, no caso, é suportar um castigo, não merecido, por temor ao Senhor.

Obviamente poderíamos pensar nesse trecho como o exemplo correto da maneira como o crente deve sofrer, mas o que Pedro nos apresenta, nos versículos 21 a 25, é muito mais do que um exemplo para os injustiçados da época. Seu exemplo vale para todos os crentes de todos os lugares e de todas as épocas.

Todos os crentes fomos chamados para seguir o exemplo de Jesus. É claro querer que se reproduza em nossas vidas o sacrifício vicário de Jesus, pois só Ele tinha “moeda de troca”, ou seja, só Ele viveu uma vida sem pecados. Os únicos pecados que nos são dados pagar são os nossos próprios, pelos quais podemos ser separados eternamente de Deus no inferno, caso optemos por rejeitar o sacrifício de Cristo.

Por outro lado, somos chamados para uma vida na qual renunciamos à nossa própria vontade e aceitamos o plano de Deus para as nossas vidas, mesmo sabendo, com base na vida de Jesus, que neste mundo teremos aflições. Esse é o exemplo de Jesus que somos conclamados a seguir: não do Cristo vencedor, não do Cristo Rei, não do Cristo guerreiro, mas do sevo sofredor descrito em *Isaías 53* e que Pedro passa a descrever a partir do versículo 22: não devemos cometer pecado algum e não deve haver engano em nossa boca, porque Ele não cometeu pecado algum (*Hebreus 4.15*), nem houve engano em Sua boca (*Isaías 53.9*).

Quando insultados, não devemos revidar (*Romanos 12.17-18*), porque era assim que Jesus agia. Quando sofrermos não devemos responder com ameaças; antes deixemos a justiça por conta de Deus (*Romanos 12.19-21*).

O versículo 24 resume a obra redentora de Jesus nos termos expressos em *Isaías 53.4*, onde **Ele verdadeiramente toma sobre Si as nossas “enfermidades”** (tanto doenças - *Mateus 8.17* - como pecados - *IPedro 3.18*) e em *Isaías 53.11-12*, onde o fato dEle conhecer o pecado nos fez participantes de Sua justiça (que Paulo também reproduz em *II Coríntios 5.20*). A referência tanto de Pedro (tomando os pecados em Seu corpo) como de Isaías (tomando-os sobre Si) são esclarecidos por Paulo, que nos informa em *ITimóteo 2.5*, que é a Sua natureza humana (corpo, alma e espírito) que os paga. Pedro confirma isso em *IPedro 4.1* ao associar o termo corpo à sua natureza humana.

Finalmente, no versículo 25, Pedro volta a citar *Isaías 53.6* ao dizer que todos andávamos como ovelhas desgarradas, mas que agora encontramos refúgio em Jesus, que é o nosso bom Pastor.

IPedro 3

Versículos 1 a 22

1Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher,

2observando a conduta honesta e respeitosa de vocês.

3A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e joias de ouro ou roupas finas.

4Ao contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus.

5 Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, cuja esperança estava em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido,

6 como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo.

7 Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações.

8 Quanto ao mais, tenham todos o mesmo modo de pensar, sejam compassivos, amem-se fraternalmente, sejam misericordiosos e humildes.

9 Não retribuam mal com mal, nem insulto com insulto; ao contrário, bendigam; pois para isso vocês foram chamados, para receberem bênção por herança.

10 Pois "quem quiser amar a vida e ver dias felizes guarde a sua língua do mal e os seus lábios da falsidade.

11 Afaste-se do mal e faça o bem; busque a paz com perseverança.

12 Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos e os seus ouvidos estão atentos à sua oração, mas o rosto do Senhor volta-se contra os que praticam o mal".

13 Quem há de maltratá-los, se vocês forem zelosos na prática do bem?

14 Todavia, mesmo que venham a sofrer porque praticam a justiça, vocês serão felizes. "Não temam aquilo que eles temem, não fiquem amedrontados."

15 Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que pedir a razão da esperança que há em vocês.

16 Contudo, façam isso com mansidão e respeito, conservando boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias.

17 É melhor sofrer por fazer o bem, se for da vontade de Deus, do que por fazer o mal.

18 Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito,

19 no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão

20 que há muito tempo desobedeceram, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé, enquanto a arca era construída. Nela apenas algumas pessoas, a saber, oito, foram salvas por meio da água,

21 e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês - não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus - por meio da ressurreição de Jesus Cristo,

22 que subiu aos céus e está à direita de Deus; a ele estão sujeitos anjos, autoridades e poderes.

Pedro está falando de relacionamentos desde o versículo 11 do capítulo anterior. Primeiro falou sobre como devem viver os crentes no mundo secular, depois sobre como devem proceder no trabalho do dia a dia e agora os versículos 1 a 7 deste capítulo tratam do relacionamento familiar em que, possivelmente, apenas um dos cônjuges é convertido. Nos primeiros 6, a mulher convertida é aconselhada a sujeitar-se ao seu marido para que este possa ser ganho para Cristo pelo testemunho dela, caso não seja crente.

Cabe ressaltar que a sociedade da época obrigava que as mulheres seguissem a religião do seu marido, além de terem que obedecê-lo. Fica claro, portanto, que o conselho de Pedro não é simplesmente no sentido de que seguissem a tradição, mas que o fizessem da mesma maneira como se submetiam a Cristo, ou seja, com amor e obediência para agradá-IO.

Pedro sugere que a beleza delas resida em seu comportamento, através de um espírito dócil e tranquilo, ao invés de sua aparência. Embora o texto seja dirigido às mulheres, os homens têm aqui uma fantástica oportunidade de aprendizado, no tocante aos critérios para a escolha de uma futura companheira de vida. A beleza exterior é ressaltada através de 3 cosméticos: os penteados, as jóias preciosas e as roupas finas. Pedro não condena o uso destes, mas não há dúvida de que a interior, associada ao espírito dócil e tranquilo é muito superior. Neste sentido ele argumenta que as mulheres do passado davam esse exemplo, citando para tanto Sara, mulher de Abraão, nominalmente.

Já para os homens, Pedro escreveu apenas um versículo, onde recomenda que os maridos sejam sábios. Obviamente ele se refere à sabedoria divina, que resultará no trato com honra das mulheres. Essa honra implica no uso de dignidade, tratando a mulher como uma preciosidade, o que parece se alinhar bem com o conceito que Salomão apresenta da mulher virtuosa (*Provérbios 31.10-31*). Ao lembrar que “elas” são co-herdeiras do dom da graça da vida, Pedro automaticamente reconhece que homens e mulheres são iguais em Cristo (ver *Romanos 8.17*). É interessante que Deus prestigie as mulheres deixando de ouvir as orações que nós homens fazemos, quando deixamos de seguir esta sua recomendação.

Embora os versículos 8 a 12 pareçam um fechamento das recomendações iniciadas no capítulo anterior, Pedro não deixa de nos dar uma nova perspectiva, qual seja, uma espécie de promessa de que agradando a Deus e fazendo o que Ele espera de nós, teremos, ao mesmo tempo, a recompensa da felicidade em nosso dia a dia. Enquanto muitas se recusam a aceitar o Evangelho por medo do “encargo” que acham que este acrescenta e por receio de serem impedidas de praticar as coisas que as fazem felizes, perdem, na verdade, a possibilidade de serem felizes ao assim procederem. Trata-se de um texto que encontra paralelo em *Romanos 12.9-21*.

O versículo 8 recomenda que a nossa ênfase se faça em relação às coisas com as quais concordamos com nossos irmãos. Que nos alegremos com os que se alegram e choremos com os que choram. Que cultivemos o amor fraternal, que sejamos solidários com os irmãos e que nos mostremos humildes em relação a eles. Embora o versículo seja voltado para os irmãos, sem dúvida se espera que tratemos os de fora da mesma forma.

Claro que nem sempre as coisas são como deveriam; portanto, quando formos maltratados ou insultados, não devemos responder de igual modo, mas ao contrário,

devemos abençoar os que assim procedem, pois é isso que se espera de nós e também o que esperamos receber de nosso Pai (versículo 9).

Os versículos 10 e 11 trazem algumas admoestações para quem quiser amar a vida e ver dias felizes. Pessoalmente não conheço ninguém que não queira ter uma vida amável, na qual tenha dias felizes. O problema é que a vasta maioria das pessoas associa essa felicidade a fazer coisas que lhes dão prazer. A receita que a Bíblia nos dá através de palavras pronunciadas por Pedro, contudo, é outra.

Em primeiro lugar ele recomenda que guardemos nossa língua do mal e nossos lábios da falsidade. Essa realidade é conhecida no jargão popular como “comer mosca”. Dizemos, usualmente, que “em boca fechada não entra mosca”. Assim sendo, é justo dizer que todo mundo sabe isso, só que sabê-lo e praticá-lo são duas coisas bem diferentes. É tão fácil dizermos algo que ofende os outros. É necessário, portanto, que zelemos para que a boca seja aberta apenas para que saiam dela coisas úteis, que edifiquem os outros e que deem graça a quem as ouve (*Efésios 4.29*). Essa é uma decisão a ser tomada e praticada. É um hábito difícil de ser implementado, mas perfeitamente possível se ouvimos a voz do nosso novo espírito.

A segunda recomendação é no sentido de nos afastarmos do mal. Ora, mal se define como tudo que desagrade a Deus. Isso valia nos dias de Pedro e continua válido para os dias de hoje. Salomão, por exemplo, descreve uma mulher imoral, ou seja, má, no início de *Provérbios 5*. A solução proposta por ele, muito simples aliás, para que o jovem incauto não caia no seu laço é dada em *Provérbios 5.8*: “fique longe dessa mulher”.

Por outro lado, evitar o mal, ou seja, prestar atenção em como não agir, não pode ser um plano de ação para a vida cristã, pelo que Pedro nos apresenta também o lado positivo a ser buscado, qual seja, fazer o bem. Se o mal era aquilo que desagrade a Deus, segue que o bem é aquilo que O agrada. Assim sendo, a última recomendação, qual seja, buscar a paz, vem como um exemplo daquilo que agrada a Deus. Para os judeus o termo “shalom” não denota apenas a ausência de confronto, pois inclui, também, a perfeita harmonia das partes que sustentam essa paz.

Era uma das principais características a serem vividas pelo Messias. Ele é o Príncipe da Paz, pelo que Seu reino teria paz sem fim (*Isaías 9.6-7*). Ele tomou sobre Si o castigo que traz a paz (*Isaías 53.5*). O anúncio angelical de Seu nascimento previu paz na Terra entre os homens aos quais Ele concede Seu favor (*Lucas 2.14*). Finalmente, a Sua paz não é como a do mundo, mas, sim, uma que permite que o nosso coração descanse nEle (*João 14.27*).

Resumindo, a felicidade evocada por Pedro só pode ser alcançada pelos filhos de Deus na medida em que sejam pacificadores (*Mateus 5.9*). Infelizmente, contudo, a maioria dos crentes esquece que a busca da paz exige persistência.

Quando o AT informa ao judeu que ele deve orar pela paz de Jerusalém (*Salmos 122.6*), isso coloca sobre ele a responsabilidade por essa paz diante de Deus. Como seguidores

de Jesus, Ele tornou nossa a responsabilidade de levar a Sua paz ao Oriente Médio, à África e também localmente por toda a cidade, incluindo favelas etc... A paz de Deus não é apenas uma paz interior no espírito do Cristão. O reino do Messias, do qual fazemos parte, traz paz (*Miquéias 4.3*).

O versículo 12 nos assegura que os olhos do Senhor estão atentos às atitudes do justo, bem como Seus ouvidos ouvem as suas orações, mas Seu rosto Se volta contra os que praticam o mal. É importante ressaltar o que esse versículo não está dizendo. Já pensou como seria terrível a ideia do Senhor me apoiar sempre que me comporto como justo e se voltar contra mim, sempre que piso na bola? Pois bem, o justo na Bíblia não é aquele que age com justiça, embora nos esforcemos para isso e o Espírito Santo para tanto nos dirija. *Jeremias 23.6* nos diz que Jesus é Jeová Tzidkenu, o Senhor minha justiça. Minha justiça diante de Deus é a dEle e não a minha. Quando piso na bola, minhas orações podem deixar de ser atendidas, mas Deus não Se volta contra mim, pelo contrário, Ele procura me corrigir para que eu acerte. Ele é um bom Pai. Seu rosto Se volta, sim, contra aqueles que O rejeitam.

Nos versículos 13 a 17 Pedro exorta os destinatários da carta a aceitarem com paciência as hostilidades dos não crentes, enquanto os 5 versículos finais, 18 a 22, nos falam do sofrimento suportado por Jesus, para que pudéssemos ser vencedores. Ele é o nosso exemplo de como vencer.

A lógica da pergunta do versículo 13 é simples. Se a ideia era a gente se afastar do mal e fazer o bem com a finalidade de sermos felizes (versículos 10 e 11), então, "ninguém vai nos maltratar se assim procedermos". Na realidade a maioria das pessoas vai seguir essa lógica perfeita, mesmo entre os não crentes mas, infelizmente, nem todos, motivo pelo qual Pedro prevê a exceção apresentada no versículo 14. Certamente vai haver gente que vai ficar ressentida pela forma justa como vivem os servos de Deus, por causa de sua fé e a sua obediência. O curioso é que Pedro diz que serão felizes assim mesmo, em função de sua fidelidade.

Já a segunda parte desse versículo não é muito clara, mas, aparentemente, essas pessoas temem que possam ser punidas pelo fato do comportamento justo dos crentes servir para ressaltar a injustiça do seu próprio comportamento. Nessa situação Pedro diz aos justos que eles não devem temer as represálias que possam vir a sofrer por esse motivo. Essa lógica é a mesma que permite a Tiago escrever que passar por provações é motivo de grande alegria (*Tiago 1.2*).

O versículo 15 começa se referindo ao final do versículo anterior. Ao não se amedrontarem devido à perseguição, mostrando claramente a sua confiança no Senhor, os crentes perseguidos honram (santificam) a Deus em seus corações.

Já a segunda parte desse versículo é um dos textos mais conhecidos da primeira epístola de Pedro. Ele nos exorta a conhecermos, racionalmente, o motivo da nossa fé, ao mesmo tempo em que devemos ter uma resposta pronta para quem desejar entendê-la.

Infelizmente, há um grande número de pessoas que frequentam as nossas igrejas, acham que são crentes, mas nunca tiveram uma real experiência de conversão. O motivo para tanto é que nunca entenderam, claramente, o plano de salvação e simplesmente frequentam como se isso fosse o suficiente para agradar a Deus.

O que Pedro diz aqui é que devemos não só entender o que Jesus fez por nós, mas devemos também poder dar testemunho disso, tomando como exemplo a mudança que efetuou em nossas próprias vidas e que deve poder ser corroborado por pessoas que nos conhecem e que viram o quanto mudamos.

Estava pregando o Evangelho certa vez para um amigo, quando ele me disse que não acreditava em nada do que eu estava dizendo, mas que sabia o quanto tinha mudado a minha vida. Essa aparente incoerência pode ser traduzida da seguinte maneira: "eu não quero esse Jesus para mim porque não quero abrir mão das coisas que a vida me oferece, mas eu vi o quanto esse Jesus mudou você".

O versículo 16 tem um ensino importante que nos fala o quanto a mansidão faz muita diferença. É muito comum a gente assistir a uma discussão em que a pessoa que tem razão sai perdendo porque se expressa de maneira agressiva, fazendo com que todos se voltem contra ele.

Certa vez passava pelo Largo da Carioca quando ouvi alguém gritando uma mensagem evangélica para as pessoas que passavam, condenando-as todas ao inferno por não pararem para ouvir. As pessoas riam, porque a forma agressiva do pregador retratava uma vida que nenhum dos ouvintes queria ter. Pessoas que falam e argumentam sem mansidão e respeito nunca conseguirão convencer ninguém. Claro que quem convence é o Espírito Santo, e Ele é manso e respeitoso, pelo que simplesmente não transparece na vida de quem assim procede.

Pedro encerra essa parte voltando ao ponto de partida. É melhor sofrer praticando o bem (em obediência a Deus) do que deixando de evitar o mal e acabando envolvido por ele. Só se vence o mal com o bem (versículo 17)!

O texto englobado pelos últimos 5 versículos deste capítulo é, possivelmente, um dos mais disputados de toda a Bíblia. Apenas para adiantar, ele possui quatro temas muito disputados, quais sejam:

- a) a morte espiritual de Jesus;
- b) a ida de Jesus ao inferno;
- c) a pregação a personagens já condenados no inferno;
- d) a salvação pelo batismo.

Não há dúvida de que é preciso restringir a discussão restringindo-a a citar principais interpretações, pois é sempre difícil bater o martelo.

Pedro tinha acabado de falar sobre a escolha ideal do crente por fazer a vontade de Deus, mesmo que isso implique em sofrimento. Mais uma vez, contudo, a exemplo do que já fizera no versículo 21 do capítulo anterior, ele introduz Jesus como exemplo e, novamente, um exemplo totalmente desproporcional, porque o fato de Cristo ter sofrido em meio à injustiça é tudo que o exemplo dEle tem em comum conosco, senão vejamos:

- Ele sofreu um castigo pelos nossos pecados e não os dEle;
- Sofreu um castigo que é único e eternamente válido;
- Sofreu para que nós possamos ser conduzidos a Deus.

Essas três coisas não podemos fazer, ou melhor, o que podemos fazer é bem o oposto:

- Podemos ser castigados pelos nossos próprios pecados;
- Teríamos que fazê-lo por toda a eternidade sem alcançar perdão;
- Estaríamos separados de Deus por toda a eternidade.

Se tivéssemos apenas esta informação, ela já seria suficiente para vermos a diferença entre Jesus homem e cada um de nós, mas a partir daqui a diferença se acentua.

O versículo continua dizendo que Jesus foi morto no corpo (ou na carne) e isso não significa, como querem alguns, que Jesus só morreu fisicamente, porque o resto do versículo atesta o contrário, ou seja, ninguém pode ser vivificado no espírito, se seu espírito não tiver antes morrido.

Eu diria que a ênfase dessa segunda parte do versículo reside no fato de que não foi Emanuel (o Deus conosco) que pagou o preço dos nossos pecados, pois apenas um outro homem, mas sem pecados, poderia fazê-lo. Assim sendo, a carne, para Pedro, significa o homem Jesus. Ele é Unigênito Filho de Deus, o único a ser gerado da maneira que Ele foi, de modo a não ter pecados próprios (por não ser da semente de Adão).

A parte final desse versículo nos diz que o espírito do homem Jesus, morto pela contaminação de ter assumido os nossos pecados, foi vivificado, ou seja, foi tornado novamente vivo. Isso encaixa bem com a ressurreição, fazendo dEle o primogênito dentre muitos irmãos (*Romanos 8.29*).

No Antigo Testamento não se fala dos filhos de Israel como filhos de Deus. Essa ideia era totalmente estranha aos judeus como o é aos muçulmanos. Mas já no AT Deus declarava Jesus, o homem morto e ressuscitado, como sendo filho: "**Tu és meu filho, eu hoje te gerei**" (*Salmos 2.7*). Além disso, o profeta Oséias declarara que do povo de Israel rejeitado alguns viriam a ser chamados "filhos do Deus vivo", numa clara referência à Nova Aliança.

Aquele que era o "unigênito" filho, e foi rejeitado ao contaminar-se com nossos pecados, foi vivificado e declarado o Primogênito Filho de Deus no dia de Sua ressurreição, como nos diz Paulo em *Atos 13.32* e o autor de Hebreus em *Hebreus 1.5-6*.

Fica provado, assim, o quanto e de qual maneira Deus nos amou, a ponto de "ser da vontade de Deus esmagá-lo e fazê-lo sofrer, tornando a sua vida uma oferta pelas nossas culpas" (*Isaías 53.10*). "Aquele que nem mesmo o Seu próprio filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará, juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?" (*Romanos 8.32*). Quem pode imaginar um amor tão grande?

O versículo 19 apresenta muito mais dúvidas do que respostas. Antes de enumerá-las, contudo, é importante citar um fato que muito influenciou a interpretação desse versículo ao longo dos séculos. Clemente de Alexandria declara, em um dos escritos patrísticos do final do segundo século, com base neste texto de *IPedro*, que Jesus foi ao inferno e pregou para os mesmos seres angelicais reprovados por Deus, que Pedro menciona em *IIPedro 2.4*. Se esta associação for válida ou se não puder ser discutida por falta de informação, o fato é que, provavelmente, com base nesta interpretação, foi incluído, no segundo item do credo dos apóstolos, que "Jesus foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno e ressuscitou no terceiro dia".

Pessoalmente acho a interpretação perfeitamente válida, mas certamente nem todos concordam, muitos dos quais preferindo dizer que não é bíblica. Seja como for, feita essa ressalva, podemos começar agora a tentar responder às perguntas suscitadas por este texto, começando por onde Jesus foi ao morrer na cruz.

O "onde", na realidade, está totalmente associado ao público para quem Jesus pregou. Este versículo não localiza estes ouvintes no tempo, mas o 20 nos diz que são dos dias de Noé. Em *Gênesis 6.4-5* encontramos Deus declarando que a "perversidade do homem" encheu Suas medidas e que Se arrependera de tê-los feito. O arrependimento de Deus não significa uma declaração do tipo "ah, eu não devia tê-los feito" e, sim, que passara a haver uma mudança de atitude dEle em relação a eles por causa do seu pecado, pelo que iria destruí-los (julgamento antecipado por pecado excessivo). Eles tiveram todo o tempo de construção da arca para se arrependerem. O texto do Gênesis não nos diz que Noé lhes pregava, mas *IIPedro 2.5* o chama de "pregador da justiça". Além disso, o próprio versículo 20 nos diz que Deus esperava pacientemente (pelo arrependimento deles) enquanto a arca era construída.

Com base nesse raciocínio, muita gente acha que esses perversos homens da época de Noé tiveram uma segunda chance, quando Jesus, logo antes de concretizar o plano de salvação, foi ao inferno e apresentou a eles esse plano.

A grande dificuldade dessa interpretação, contudo, é a incompatibilidade com o restante do ensino bíblico, que podemos resumir à luz de *Hebreus 9.27*, que nos diz estarmos destinados a morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo. Por causa dessa dificuldade, somos obrigados a descartar essa interpretação.

A outra interpretação, também baseada em versículos extraídos de *Gênesis 6*, exige de nossa parte mais fé, pois introduz uma história bíblica de pessoas como Hércules, filho de Zeus, com uma mulher humana, os quais, neste caso, resultam da união de anjos

caídos com belas mulheres da época, gerando os heróis tipo Hércules da época, chamados nefilins (veja os *Gênesis 6.2-4*).

Os anjos caídos que assim procederam teriam sido aprisionados, de acordo com *IIPedro 2.4*, e teria sido para estes, que Jesus proclamaria a Sua vitória sobre a morte.

Se o "novo nascimento" do Primogênito (a vivificação do espírito do homem Jesus) se deu antes ou depois de Sua ida à prisão desses anjos, para proclamar Sua vitória é realmente irrelevante, pois não há informação a esse respeito. Temos certeza, contudo, que a justificação de Jesus se dá ao ressuscitar, ocasião na qual se dá também a nossa (*Romanos 4.25*). Este versículo nos mostra claramente o papel da cruz (onde se dá a salvação), que não pode ser dissociado da ressurreição (onde ocorre a justificação). É exatamente por isso que Paulo diz aos coríntios que, se Jesus não tivesse ressuscitado, eles estariam ainda mortos em seus pecados (*ICoríntios 15.12-19*).

Concluindo essa parte, resta dizer que o lugar, inferno, segundo *IIPedro 2.4*, aparece como o lugar de prisão para o qual Satanás foi condenado, mas para o qual será levado apenas na chegada do Milênio, conforme previsto em *Apocalipse 20.2-3*, onde é chamado de Abismo. Jesus mesmo disse que a condenação de Satanás já ocorrera, mas que seu aprisionamento só se dará no Milênio.

Há uma curiosidade na crença pregada na Assembleia de Deus. Ensina-se ali que Jesus efetivamente esteve no inferno, mas que isso se deu para que Ele arrancasse das mãos de Satanás as chaves daquele lugar, visto que Ele declara em *Apocalipse 1.18*, que estivera morto, mas que revivera e tinha as chaves do Hades. Por trás dessa ideia totalmente abíblica está a ideia errônea de que Satanás reina no inferno. Essa ideia, contudo, é tão tola quanto achar que os empresários condenados da Lava Jato, que têm direito de aguardar durante a sua apelação em liberdade, poderiam resolver ir já para a prisão, por quererem se acostumar com o lugar, ou algo assim.

A primeira parte do versículo 20 já foi discutida acima, quando falamos da paciência de Deus enquanto a arca era construída. Nesta segunda Pedro continua dizendo que nela (a lógica indica que ele está falando da arca) apenas 8 pessoas foram salvas (sem dizer de que) através da água. O raciocínio normal nos diria que elas foram salvas das águas graças à arca, mas acertar quem é quem aqui faz toda a diferença para entender o versículo 21.

O problema da época era o pecado, o meio que Deus usou para destruí-lo foi a água e a salvação de Noé e sua família se deu pela arca. Com essa certeza podemos adentrar o versículo 21.

A Bíblia não pode ter senão uma verdade. Jesus pagou o preço dos nossos pecados e Ele mesmo é o primogênito em termos de novo nascimento. Ele ressuscitou para a nossa justificação. Nós também somos salvos pelo novo nascimento, ou seja, por um ato de Deus, que faz com que tenhamos um espírito novo. O que será discutido a seguir diz respeito apenas à forma como nos qualificamos para a obtenção dessa salvação.

Paulo, em *Romanos 10.9* diz: "se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo".

Podemos dizer, então, que causa e consequência se relacionam da seguinte maneira: Se eu declarar, sinceramente, que aceito o senhorio de Jesus na minha vida e crer, de todo coração que Ele morreu pelos meus pecados e que ressuscitou para a minha justificação, então, Deus, que conhece a minha sinceridade, me transportará do reino do pecado, no qual vivia, para o reino de Jesus, dando-me um novo espírito, que me ajudará a viver como Ele quer.

Dentro do nosso contexto, Pedro está dizendo que a figura anterior se aplica à vida cristã representada pelo batismo que agora também nos salva, não com as águas do batismo removendo a sujeira que o pecado produz no corpo, mas pelo fato de assumirmos um compromisso sincero diante de Deus (de aceitar o senhorio de Jesus Cristo) e por crermos na ressurreição de Jesus Cristo.

O batismo, começando por João Batista, era um testemunho público de confissão de pecados. As pessoas não eram perdoadas porque se batizavam e, sim, porque estavam fazendo uma confissão sincera dos seus pecados. O batismo de Jesus não mudou absolutamente nada em relação ao de João. Continuava a ser apenas o meio pelo qual era reconhecido o senhorio de Jesus e a fé na salvação através dele.

O problema continua sendo o pecado, a arca é batismo, que traz em si a confissão de *Romanos 10.9* e a água que resolve o problema do pecado é o sangue de Jesus Cristo. É só isso que Pedro está dizendo.

O versículo 22 reproduz o que Jesus disse de si mesmo após a ressurreição: "**Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra**". Deus Pai também o tinha dito em *Isaías 53.10b-12*.

Assim sendo, o nosso mediador, Jesus Cristo homem (*1Timóteo 2.5*), recebeu por antecedência o Seu corpo glorificado (que nós também vamos ter - ver *1Coríntios 15.20-23*), subiu ao céu, está sentado à destra de Deus e foi-Lhe dada toda autoridade tanto no céu como na terra.

IPedro 4

Versículos 1 a 19

1Portanto, uma vez que Cristo sofreu corporalmente, armem-se também do mesmo pensamento, pois aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado,

2para que, no tempo que lhe resta, não viva mais para satisfazer os maus desejos humanos, mas sim para fazer a vontade de Deus.

3No passado vocês já gastaram tempo suficiente fazendo o que agrada aos pagãos. Naquele tempo vocês viviam em libertinagem, na sensualidade, nas bebedeiras, orgias e farras, e na idolatria repugnante.

4Eles acham estranho que vocês não se lancem com eles na mesma torrente de imoralidade e por isso os insultam.

5Contudo, eles terão que prestar contas àquele que está pronto para julgar os vivos e os mortos.

6Por isso mesmo o evangelho foi pregado também a mortos, para que eles, mesmo julgados no corpo segundo os homens, vivam pelo Espírito segundo Deus.

7O fim de todas as coisas está próximo. Portanto, sejam criteriosos e estejam alertas; dediquem-se à oração.

8Sobretudo, amem-se sinceramente uns aos outros, porque o amor perdoa muitíssimos pecados.

9Sejam mutuamente hospitaleiros, sem reclamação.

10Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas.

11Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém.

12Amados, não se surpreendam com o fogo que surge entre vocês para prová-los, como se algo estranho estivesse acontecendo.

13Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria.

14Se vocês são insultados por causa do nome de Cristo, felizes são vocês, pois o Espírito da glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vocês.

15Se algum de vocês sofre, que não seja como assassino, ladrão, criminoso, ou como quem se intromete em negócios alheios.

16Contudo, se sofre como cristão, não se envergonhe, mas glorifique a Deus por meio desse nome.

17Pois chegou a hora de começar o julgamento pela casa de Deus; e, se começa primeiro conosco, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?

18E, "se ao justo é difícil ser salvo, que será do ímpio e pecador?"

19Por isso mesmo, aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar sua vida ao seu fiel Criador e praticar o bem.

Os primeiros 6 versículos deste capítulo trazem mais uma exortação de Pedro tomando por base o exemplo de Cristo, com o qual fez ligação com a exortação anterior. Nos primeiros dois versículos ele ressalta como a vitória de Cristo sobre o pecado, obtido na carne, deve servir de exemplo, também, para que nós rompamos com o pecado praticado na carne, derrotando-o de igual forma. Nos dois versículos seguintes Pedro reconhece que todos nós, antes de nossa conversão, éramos escravos desses mesmos pecados, e que isso torna muito difícil que os não crentes, que nos conheciam como co-participantes dos mesmos, nos vejam agora rejeitando praticá-los. Finalmente, os dois versículos finais desta exortação nos lembram que a rejeição do grande amor de Deus e Seu plano de salvação têm como contrapartida o juízo.

Pedro tinha acabado de falar da morte e ressurreição de Jesus Cristo, através dos quais pagou os nossos pecados e conquistou a nossa justificação (ver *Romanos 4.25*), pelo

que ele agora lembra aos destinatários de sua carta, que esta conquista foi feita pelo "homem Jesus" ou seja, foi feita na carne. Se Ele pôde fazer isso como homem, isso deve nos servir também de estímulo para que nós entremos em guerra contra o pecado "armando-nos" com o mesmo pensamento que O guiou. Jesus como homem não queria ir para a cruz, mas Ele priorizou a vontade de Deus na Sua vida, pelo que nós devemos fazer o mesmo (versículo 1).

O que Deus espera de nós é que rompamos com o pecado em nossa guerra em prol do Seu Reino, para que o nosso tempo seja otimizado no serviço, para o qual fomos arregimentados. Não há como fazer isso se somos desobedientes e continuamos a oferecer o nosso corpo ao pecado, permitindo que Ele seja também nosso senhor, visto que ninguém pode servir a dois senhores (*Mateus 6.24*).

No versículo 3 Pedro aqui reconhece que seus destinatários já haviam perdido tempo suficiente, no período anterior à sua conversão, acompanhando os pagãos e fazendo as mesmas coisas que eles faziam. Naquela época eles viviam atraídos pelas mesmas coisas que atraem hoje os nossos amigos não crentes. São atraídos pela libertinagem, pela sensualidade, pelas bebedeiras, pelas orgias, pelas farras e pela idolatria. Na medida em que essas coisas são consideradas normais em nossas igrejas hoje em dia, sequer somos capazes de reconhecer que estamos falhando em relação à exortação do versículo 1, ou seja, que era para termos rompido com o pecado.

Além disso, vemos, no versículo 4, que é totalmente compreensível que nossos companheiros de farra de outrora estranhem que não tenhamos mais prazer nas coisas de outrora, que eles ainda amam. Não é de estranhar, portanto, que eles nos insultem por isso. A transformação de vida que acompanha o novo nascimento inclui um coração novo, ou seja, uma mudança nas coisas que apreciamos (*Ezequiel 36:26*). Infelizmente, contudo, o nosso corpo não é transformado da noite para o dia como o são o nosso espírito e o nosso coração (*Romanos 7.24*). O corpo precisa ser dominado por nossa mente, que por sua vez, precisa também ser transformada (*Romanos 12.1-2*). A vida cristã é um contínuo combate que cabe a cada um de nós vencer. Que possamos todos dizer ao final de nossas vidas que combatemos o bom combate, acabamos a carreira de tal modo que nossa fé foi guardada (*II Timóteo 4.7*).

Os prazeres desse mundo têm a sua recompensa aqui, mas infelizmente se fazem acompanhar pelo outro lado da moeda, qual seja, uma prestação de contas Àquele que vai julgar vivos e mortos. Paulo também nos diz isso em *Romanos 14.10*, onde lembra que todos compareceremos diante do tribunal de Deus. Esse tribunal, também conhecido como Juízo Final, é descrito por João em *Apocalipse 20.11-13*. Infelizmente, aqueles cujos nomes não forem encontrados no livro da vida, serão jogados no lago de fogo e enxofre. Os vivos e os mortos abrangem todas as pessoas que já puseram o pé neste planeta, mas a forma como interpretamos esses dois grupos pode facilitar ou complicar bastante a referência aos mortos do versículo seguinte. Podemos considerar aqui o sentido físico ou o sentido espiritual, ou seja, os mortos podem ser simplesmente aqueles que já morreram fisicamente, como podem ser também aqueles que ainda permanecem

mortos em seus pecados, porque ainda não aceitaram a Jesus como único e verdadeiro Filho de Deus (versículo 5).

Não há dúvida de que esse versículo 6 é complicado, mas o segredo de sua interpretação reside em identificarmos os "mortos" dos quais Pedro está falando. Caso os identifiquemos como sendo aqueles que viveram sobre a Terra, mas que já morreram fisicamente, então estaremos abrindo uma exceção para a salvação pós- morte e concordando com os católicos, que estão realizando cultos pelos mortos desde que isso foi instituído pelo papa Gregório Magno por volta do ano 600d.C.. Por outro lado, se identificados como os mortos espirituais, ou seja, aqueles que ainda não nasceram de novo no espírito, então, é justamente a esses que o Evangelho precisa ser pregado, para que o Espírito de Deus os vivifique, dando-lhes um espírito novo e transportando-os do reino das trevas para o reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*).

Todos nós estamos confinados a um corpo, ao qual está ordenado morrer uma só vez, findo o que virá o Juízo (*Hebreus 9.27*), mas este Juízo pode se limitar a um convite: "vinde benditos de meu Pai e recebei por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (*Mateus 25.34*). Todos os que estiverem qualificados para este convite receberão, em substituição a esse corpo mortal, um corpo eterno, que nos será dado quando Jesus voltar pela segunda vez (*1Coríntios 15.22-23*).

Nos versículos 4 a 7, Pedro, que vinha falando das relações de crentes com não crentes, agora está se concentrando em alguns aspectos da relação entre cristãos. Em seu comentário sobre este texto Ênio Mueller sugere a leitura de 3 textos paralelos para melhor entendimento deste: *ITessalonicenses 5.1-10*, *Romanos 12.6-8* e *Tiago 5.7-20*. Cada um destes textos cobre uma parte do que Pedro tem a nos dizer nestes versículos.

No versículo 7, Pedro nos diz algo que está implícito em todo o Novo Testamento, qual seja, a iminência do fim. "Perto está o fim de todas as coisas", motivo pelo qual é necessário viver com critérios que priorizem essa verdade, como estar atento ao que se passa à nossa volta e estar em contato permanente com o Pai, dedicando-nos à oração.

É exatamente deste assunto que Paulo está tratando no texto supracitado de *ITessalonicenses*. De igual modo ele os exorta a estarem atentos, sóbrios, acordados e vestindo a armadura que Deus coloca à nossa disposição.

Como é fácil a gente se distrair com as coisas deste mundo! Quando nos deixamos vencer pelo pecado, somos participantes do triste sentimento que Paulo experimentou ao dizer que "se sentia miserável por não conseguir se livrar da morte residente no seu corpo" (*Romanos 7.24*). Ele mesmo declara, contudo, que a vitória reside no fato de andarmos no Espírito, inclinando-nos para as coisas do Espírito (*Romanos 8.1-5*).

Assim procedendo, nos tornamos criteriosos, como diz Pedro, e passamos a usar os nossos dons celestiais a favor dos nossos irmãos, como diz Paulo em *Romanos 12.6-8*.

Tiago lembra também a seus leitores que o fim está próximo (*Tiago 5.8*), pelo que recomenda, igualmente, a persistência na oração (*Tiago 5.13-18*).

Sobretudo, diz Pedro no versículo 8, devemos nos amar uns aos outros de forma sincera. Os cristãos, como já vimos, habitavam numa sociedade que lhes era hostil, não apenas porque eram, em sua grande maioria, de nível social baixo, mas também porque sua "santidade" fazia ressaltar os pecados dos outros, pelo que eram odiados. Assim sendo, o amor entre os irmãos, uma sociedade restrita, serviria de compensação para a falta de amor que tinham na sociedade em geral. Além disso, servia também de prova viva do amor que anunciavam da "boca para fora".

Não raramente a total falta de amor entre os grupos evangélicos, e mesmo no seio de um mesmo grupo, são apontados como elemento de hipocrisia em relação à mensagem que pregam.

A segunda parte desse versículo parece ser uma clara alusão a *Provérbios 10.12*, que diz que "o amor cobre todos os pecados". Tiago parece fazer uma referência similar em *Tiago 5.20*.

O sentido principal desse versículo parece claro, qual seja, que todos os que amam sinceramente se tornam muito mais tolerantes em relação a falhas ou agressões que venham a sofrer por parte da pessoa que amam.

A ideia que as pessoas fazem de Deus é de um ser distante que nos trata segundo o nosso comportamento, premiando os bons e castigando os maus. Se isso fosse verdade, contudo, os nossos pecados jamais seriam perdoados, porque o nosso comportamento é continuamente reprovável, porque continuamos sendo falhos. Reside, contudo, no fato de Ele nos amar e de pagar Ele o castigo que seria nosso, a grande prova da sua Maravilhosa Graça. Qualquer ideia, contudo, de que o amor seja uma forma alternativa à cruz, de perdão de pecados, é totalmente errônea, consistindo em extrapolação do significado do texto.

O versículo 9 traz uma exortação relativa à hospedagem de irmãos e ao uso dos lares para sediar as igrejas. A prática da hospedagem passou do Judaísmo para o Cristianismo. Já o centro do culto judaico desde cedo fez uso da sinagoga, mas os templos do Cristianismo começaram nos lares. Não obstante a maior parte dos grupos evangélicos de hoje serem sediados em templos, há ainda hoje uns poucos grupos que entendem ser preferível não terem esse tipo de gasto, preferindo gastar suas contribuições na obra missionária. É nesses que podemos observar, ainda hoje, o quanto é difícil para o lar que sedia uma igreja, fazê-lo sem reclamação, como acrescenta Pedro. A maioria das pessoas são conscienciosas e ajudam a carregar o fardo, mas inevitavelmente há abusos. Além disso, a hospedagem dos pregadores itinerantes ocupava um lugar de destaque na divulgação do Evangelho à época. Claro que havia também abusos, a ponto de João recomendar que os hospedeiros fossem seletivos em relação aos mensageiros que fossem receber em suas casas (*II João 10*). Com a mudança dessas duas funções importantes da hospitalidade dos crentes (poucas igrejas nos lares e poucos pregadores itinerantes), sem falar que a maioria dos pastores

convidados preferem um quarto de hotel ao convívio de uma família, o privilégio do exercício do amor cristão sob este aspecto praticamente desapareceu.

A recomendação de Pedro no versículo 10 é que cada cristão exerça o dom que recebeu para servir aos outros com fidelidade. Ora, o dom é uma dispensação da graça de Deus e há múltiplas formas de fazermos uso dele. Resumindo essas ideias podemos dizer que o crente fiel é aquele que usa o seu dom para o bem e o crescimento dos seus irmãos. Essa é uma ideia totalmente estranha ao crente que vem à igreja aos domingos para "recarregar a sua bateria". Essa é uma forma de Cristianismo egoísta, que Pedro chamaria de infiel.

Encerrando essa seção, Pedro sugere dois exemplos do que falou no versículo 10. Se alguém tem o dom de falar, que o faça transmitindo as palavras de Deus. Já se alguém serve de alguma forma, que o faça com a força que Deus lhe deu. Em ambos os casos, contudo, deve ser de forma que Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a Quem sejam a glória e o poder para todo o sempre.

Não raramente os nossos púlpitos pregam que Jesus é a resolução de todos os problemas pelos quais os não crentes estão passando. Aí as pessoas se convertem, experimentam a paz que temos em Jesus, mas pouco depois passam a enfrentar outros problemas relacionados à perseguição por terem se tornado crentes. É exatamente disso que Pedro está falando no versículo 12. O fato de crentes passarem a viver uma vida de santidade leva inevitavelmente a perseguições, que Deus usa para provar a nossa fé. Isso pode até parecer muito estranho, mas Pedro diz aos destinatários de sua carta que não é.

Para os judeus, a perseguição em função da sua fé já era uma coisa usual; portanto, não seria de se estranhar, mas devemos lembrar que a maioria dos destinatários da carta de Pedro era de gentios convertidos aos Cristianismo, para os quais essa ideia pode parecer muito estranha. Por que alguém deveria sofrer por fazer o que é certo? Quando a nossa vida é dedicada a glorificar Aquele que pagou o preço da nossa salvação, então, nós passamos a ser alvo das mesmas perseguições que foram dirigidas a Ele. Esse é o assunto dos versículos 12 a 19.

"Alegrem-se" são as palavras com que a tradução NVI começa o versículo 13. Obviamente se trata de escândalo e loucura (*ICoríntios 1.23*) a ideia de alguém se alegrar por ser provado, mas Pedro atribui isso ao fato de nos tornarmos participantes dos sofrimentos de Cristo, garantindo, assim, que seremos igualmente participantes de Sua glória.

Há um aprendizado muito interessante aqui. No Reino de Deus não fazemos nada que seja para a nossa própria glória. Vimos acima que toda a glória é de Deus e que deve ser dada através de Jesus (versículo 11). Por outro lado Jesus nos diz, e Pedro aqui reitera, que a glória de Deus também é repartida conosco: **"Dei-lhes a glória que me deste para que sejam um assim como nós somos um"** (*João 17.22*). Quando buscamos a nossa própria glória, ela não apenas nos separa de Deus, como nos separa uns dos

outros. Por outro lado, a glória que damos a Deus não apenas nos une a Ele, como nos une uns aos outros. No versículo seguinte Jesus diz que a consequência disso é que esta glória refletida em nossas vidas leva o mundo a reconhecer que Jesus é realmente o Cristo. Isso é realmente o alvo de nossas vidas a serviço de Deus, pelo que fica claro que temos motivo, mais que suficiente, para que nos alegremos em sofrimentos que produzam resultados tão positivos. Claro que resta aqui a grande alegria que teremos no porvir com Cristo em Sua glória. Essa alegria é ressaltada em vários versículos bíblicos como *Romanos 8.17-18*, mas o fato de vermos a glória de Deus refletida na vida dos Seus servos hoje já nos dá hoje uma alegria que o mundo não pode entender.

As provações das quais Pedro está falando no versículo 14 incluem os insultos que sofremos por causa do Nome de Cristo. Neste versículo Pedro deixa claro que isso é prova de que o Espírito de Deus repousa sobre as nossas vidas, pois fica evidente aos de fora que a glória do Espírito resplandece em nós. Sem dúvida isso mais uma vez traz ao crente a alegria de estar servindo adequadamente ao seu Senhor, na medida em que quem transporece é Ele.

Em princípio os cristãos não pecam. Claro que isso é por uma questão de princípio, porque fomos libertos de nossa vã maneira de viver e "**sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não está no pecado**" (*1João 5.18a*). Na realidade, contudo, sabemos que nem todos temos o cuidado de ouvir o Espírito e andar em santidade. Com isso envergonhamos o Espírito que nos dirige e permitimos que Satanás tenha vitória em nossas vidas. Todos nós brasileiros nos envergonhamos quando vemos políticos "chamados cristãos" dividindo dinheiro de suborno e dando "graças a Deus" por ter concedido a eles aquele ganho. Que hipocrisia! Claro que podiam estar usurpando o nome de cristãos, mas podem também ser cristãos carnais que nunca cresceram e agora envergonham o Nome que carregam. No versículo 15, Pedro exorta os destinatários de sua carta a não serem encontrados nesta condição. Quando ele fala a respeito de sofrimento, diz Pedro, que não seja por serem péssimos cristãos por se tornarem assassinos, ladrões, criminosos ou por lesarem negócios alheios.

Atos 11.26 registra que o primeiro uso do termo "cristão" foi feito em Antioquia, onde Barnabé e Paulo se reuniam com a Igreja, antes da primeira viagem missionária, e teve um significado pejorativo. Aqui em *Pedro*, passadas já algumas décadas, o termo já ganhou a conotação que damos a ele no dia de hoje, qual seja, aquele que carrega o Nome de Cristo. As pessoas eram alvo de perseguição simplesmente porque defendiam o Nome de seu Salvador. É exatamente a essas pessoas, de comportamento santo, que Pedro diz, no versículo 16, não haver motivo de vergonha em serem levados aos tribunais por isso. Pelo contrário, esse comportamento glorifica o Nome de Deus!

O versículo 17 fala sobre o julgamento começando pela casa de Deus. Que será que significa isso? O que significa o fato do julgamento começar conosco, a Igreja de Jesus Cristo? Conosco os cristãos? A Bíblia fala de vários julgamentos e a ideia de um Juízo Final é algo que foi previsto ao longo de toda a Bíblia. Por outro lado, esse julgamento aqui mencionado tem que ter alguma ligação com tudo que foi dito até agora. Assim

sendo, esse julgamento precisa estar relacionado à provação da qual Pedro está falando desde o versículo 12.

Parece lícito dizer que a perseguição da Igreja, a perseguição dos crentes em Jesus Cristo, a perseguição dos verdadeiros cristãos é uma forma através da qual o Deus Onisciente (que sabe tudo a nosso respeito) permite que nós conheçamos a avaliação que é feita de nós. Em outras palavras, é a forma como Deus permite que nós vejamos como estamos sendo avaliados para a honra e glória dEle. O que Ele quer de nós é santidade e a nossa santidade ou a falta dela fica totalmente transparente diante de nós, para alegria ou vergonha nossa. Não que Deus tenha prazer em nos envergonhar, mas quer antes, que vendo a avaliação que de nós é feita, possamos nos arrepender da falta de santidade em nossas vidas e permitir que Ele a transforme. Também Ele quer que vejamos o quão séria é a condenação que há sobre aqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus. Se Ele age com grande seriedade em relação a nós, que somos filhos, como podemos deixar de perceber a seriedade do juízo que haverá sobre os de fora?

A citação feita no versículo 18 vem de *Provérbios 11.31*. Certa vez um jovem rico veio perguntar a Jesus o que precisava fazer para ser salvo. Jesus mandou que ele guardasse a lei, ao que respondeu que vinha fazendo isso desde a juventude. Conhecendo o rapaz e amando-o Jesus colocou o dedo na sua ferida, qual seja, o amor ao dinheiro, ao mandar que ele vendesse todos os seus bens e o seguisse. A Bíblia nos diz em *Mateus 19.16-22* que o jovem retirou-se triste porque tinha muitos bens e fora incapaz de separar-se deles. Jesus comentou com seus discípulos a seguir, que era mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino dos Céus. Assustados, os discípulos perguntaram a Ele quem, então, poderia se salvar? Jesus respondeu que realmente isso era impossível para o homem, mas que para Deus todas as coisas eram possíveis. É pela misericórdia de Deus que nós somos testados dia a dia, para que possamos sempre reconhecer a nossa dependência dEle. Já vimos neste texto que nossas palavras no Reino são as de Deus; nosso serviço no Reino é o de Deus e nossa salvação para dentro do Reino é obra de Deus. Que chance têm os pecadores se nós que somos do Reino nos calarmos?

Resumindo tudo que foi dito acima, resta a nós crentes, mesmo aqueles que estamos sofrendo, consagrar as nossas vidas ao fiel Criador e praticar as boas obras que Ele preparou para nelas andarmos (*Efésios 2.10*).

IPedro 5

Versículos 1 a 14

1Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo como alguém que participará da glória a ser revelada:

2pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir.

3Não ajam como dominadores dos que foram confiados a vocês, mas como exemplos para o rebanho.

4Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória.

5Da mesma forma, jovens, sujeitem-se aos mais velhos. Sejam todos humildes uns para com os outros, porque "Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes".

6Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido.

7Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês.

8Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar.

9Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé, sabendo que os irmãos que vocês têm em todo o mundo estão passando pelos mesmos sofrimentos.

10O Deus de toda a graça, que os chamou para a sua glória eterna em Cristo Jesus, depois de terem sofrido por pouco tempo, os restaurará, os confirmará, os fortalecerá e os porá sobre firmes alicerces.

11A ele seja o poder para todo o sempre. Amém.

12Com a ajuda de Silvano, a quem considero irmão fiel, eu escrevi resumidamente, encorajando-os e testemunhando que esta é a verdadeira graça de Deus. Mantenham-se firmes na graça de Deus.

13Aquela que está em Babilônia, também eleita, envia saudações, e também Marcos, meu filho.

14Saúdem uns aos outros com beijo de santo amor. Paz a todos vocês que estão em Cristo.

Nos primeiros quatro versículos deste texto Pedro se dirige especificamente aos presbíteros que há entre os destinatários de sua carta. Não sabemos exatamente a abrangência do cargo de um presbítero, mas pelo contexto fica claro que se trata de uma pessoa que tinha um cargo de liderança dentro da comunidade. Em termos práticos, o título tem sido usado como sinônimo de ancião, uma pessoa com mais idade e experiência na comunidade, um membro de um grupo chamado presbitério, que ajuda o pastor a administrar a comunidade ou, ainda, referindo-se ao próprio pastor ou bispo da Igreja.

Não há uma descrição bíblica clara sobre a forma de liderança das igrejas do Novo Testamento, mas temos uma indicação em *Atos 14.23*, onde somos informados que Paulo e Barnabé, na primeira viagem missionária de Paulo, designavam presbíteros em cada igreja, os quais eram empossados mediante oração. É possível que tal indicação se tenha feito por eleição na comunidade, a exemplo do que ocorreu na Igreja de Jerusalém para a escolha dos diáconos em *Atos 6*, mas não temos certeza.

Como nota interessante Pedro, que era apóstolo, se diz aqui também presbítero, mas não está claro para nós se ele está simplesmente dizendo que exerce um cargo de

liderança, como eles (uma forma de se aproximar deles), ou se isso era uma atribuição adicional que ele exercia em sua própria igreja.

Pedro começa o versículo 1 usando o termo "apelo", que certamente ressalta a importância da solicitação que ele está prestes a fazer aos líderes das comunidades domésticas ("oikos"). Além de dizer-se co-presbítero com eles, ele se identifica, também, como testemunha ocular dos sofrimentos de Jesus, que se constituem no tópico central do livro, pelo que ele não estaria "repassando" informações recebidas de outros, mas eventos que ele mesmo presenciara e que estaria, portanto, totalmente capacitado para descrever.

Finalmente, antes de entrar no apelo, propriamente dito, ele lembra aos seus destinatários que sua condição de compromisso com Cristo o qualifica a participar de Sua glória, que ainda há de ser revelada (aplicação prática do que já acabara de ensinar em *IPedro 4.13* e que deveria ser motivo de grande alegria).

Nos versículos 2 e 3 fica claro aqui que o apelo feito por Pedro trata da forma como o responsável ou os responsáveis pela comunidade local devem realizar este trabalho. Para tanto ele evoca uma figura que Davi tinha usado no *Salmo 23*, qual seja, a do supremo Pastor sobre o povo de Deus, na qualidade de ovelhas: "**o Senhor é o meu Pastor**". O paralelo aqui coloca o presbítero ou os presbíteros na condição de Deus (ou aquele(s) que deve agir como Deus age). Da mesma forma como Deus nos amou e Se deu por nós, sem que tivesse qualquer obrigação de fazê-lo, também o presbítero deve pastorear o rebanho de Deus, que está a seus cuidados, tomando os seguintes cuidados:

a) Fazê-lo não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer

A ideia aqui é que Deus Se tornou o nosso Pastor porque nos ama. O presbítero deve ter como motivação o amor a Deus e conseqüentemente ao rebanho. Quando o cargo se torna um emprego, que tem horário fixo e que se configura num peso para o líder, então, ele perdeu o rumo. Assim sendo, ninguém deve ser constrangido a aceitar o cargo de líder, ou aceitá-lo porque alguém outrem assim o deseja.

b) Fazê-lo não por ganância, mas pelo desejo de servir

As pessoas divergem muito umas das outras, principalmente no que diz respeito às suas motivações. Algumas são movidas por ganância, outras por sua soberba, mas felizmente há aquelas que realmente têm prazer em servir aos outros. Obviamente são estas últimas as pessoas que são adequadas para o presbitério.

Pedro não faria aqui esse registro relativo à ganância e Paulo não teria feito registro similar em *ITimóteo 3.3*, dizendo que o bispo deve ser uma pessoa não apegada ao dinheiro, se isso não fosse realmente um problema de tempo em tempo. É claro que eles devem ter tido algumas experiências negativas com presbíteros gananciosos, da mesma forma como pastores corruptos em nossos dias são responsáveis pela má fama que há em relação à cobrança de dízimo em algumas igrejas. Isso não quer dizer que o

presbítero não possa ter salário, porque Paulo é bem claro a esse respeito em *II Timoteo 5.17-18*.

c) Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados

Há pastores que pensam que podem usar e abusar dos membros de suas igrejas como se estes estivessem a seu serviço. Presbíteros que pensam assim não sabem nada a respeito do exemplo deixado por Jesus. Ele mesmo disse que tinha vindo, não para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos (*Marcos 10.45*). O presbítero é chamado para agir como Deus age; portanto, espera-se que também ele aja como servo.

d) Agir como exemplo para o rebanho

Estabelecido que o presbítero é o servo e não o dono do rebanho que Deus lhe confiou, segue que este servo deve também produzir para o mesmo rebanho o exemplo de vida a ser imitado. É isso que Paulo quer dizer quando pede aos filipenses que sigam o seu exemplo (*Filipenses 3.17*).

Ao estabelecer as qualificações das pessoas que Timóteo deveria considerar ao escolher os bispos das igrejas que visitasse, Paulo descreve um líder exemplar, que pudesse preencher todas essas 4 qualificações listadas acima.

Pedro lembra aqui no versículo 4, que o Senhor é o Pastor de todos e que aqueles que se identificam com o Seu sofrimento serão igualmente participantes de Sua glória (*IPedro 4.13*), pelo que não hesita em lembrar que esta coroa de glória estará igualmente disponível para os presbíteros que preencherem as prerrogativas supracitadas. A natureza imperecível desta coroa de glória nos remete de volta para *IPedro 1.4*, onde Pedro fala de nossa herança igualmente imperecível, que não pode macular-se ou perder o seu valor. Ela está guardada por Deus, que a protege pelo Seu próprio poder. Obviamente, por se tratar de um Deus Onipotente, resulta que a natureza da mesma é imperecível.

Neste versículo, as exortações parecem ser dirigidas a uma classe especial de jovens, mas o texto original confronta as palavras gregas *presbyteroi* e *neoteroi*, ou seja, presbíteros nos versículos anteriores com os mais jovens no versículo 5. Assim sendo, Pedro fez primeiro recomendações aos líderes, os anciãos, acerca de como lidar com a comunidade que lhes foi confiada e agora se dirige aos mais moços, ou seja, o restante da comunidade. Não está claro em que ponto ou em que versículo Pedro deixa de se dirigir apenas ao restante da comunidade e passa a falar com ambos os grupos, porque as coisas que ele diz são aplicáveis, na realidade, a todos os crentes. Por simplificação vamos imaginar que o versículo 5 é o único que se aplica apenas aos "membros da igreja" e que os demais se aplicam a todos.

A primeira recomendação que Pedro faz aos membros da comunidade é que eles se sujeitem aos presbíteros. Se por um lado os presbíteros foram informados que eles "não mandam nos membros", os membros, por outro, devem acatar a autoridade dos

presbíteros, porque estes receberam o comissionamento divino de cuidar deles, sendo, portanto, por eles responsáveis. Isso é totalmente coerente com o *Salmo 23*. Se o Senhor é o nosso Pastor, então, nós somos as ovelhas que Lhe devem estar sujeitas. Nessa nova figura os presbíteros fazem o papel de pastor local e os membros da comunidade são as ovelhas locais que devem ser obedientes ao mesmo.

A segunda recomendação à igreja agora diz respeito à relação entre membros. Pedro recomenda que sejam todos humildes uns para com os outros, recomendação esta que nos lembra imediatamente a de Paulo falando aos filipenses: "**nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos**" (*Filipenses 2.3*). Pedro aproveita e dá um muito bom motivo porque essa recomendação deve ser acatada: porque "**Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes**". Os humildes recebendo graça é uma citação do conhecido versículo de *Provérbios 3.34*, mas uma vida espiritual na qual Deus é nosso opositor é inimaginável e certamente fadada ao fracasso. Assim sendo, a humildade na vida espiritual não é uma opção e, sim, uma condição básica, sem a qual a vida espiritual de comunhão com o Pai é inexistente. Esse versículo 5 lembra imediatamente *Salmos 138.6*, que diz que o Senhor olha para os humildes e de longe reconhece os arrogantes. Ser reconhecido à distância já é muito incômodo, mas tê-lo como oponente é uma derrocada completa. Nenhum crente pode se conformar com isso!

A soberba não é um problema limitado ao corpo de membros da comunidade, pois os presbíteros são tão vulneráveis a ela quanto os demais, possivelmente até mais! A solução preconizada por Pedro, neste versículo 6, é que nos humilhemos debaixo da potente mão de Deus.

Aqui cabem duas perguntas:

- Como nos humilhamos debaixo da potente mão de Deus?
- Que significado tem o adjetivo potente neste contexto?

Começando pela segunda, devemos reconhecer a onipotência de Deus, ou seja, o fato de que enquanto nós "batemos cabeça", Deus não apenas conhece a resposta certa, como é poderoso para implementá-la na hora certa.

A gente se humilhar significa que deixemos de confiar nas nossas soluções para permitir que Ele tenha a liberdade, em nossas vidas, de nos usar para realizar as dEle. Não há outra maneira de lidar com Deus. Ele sabe onde, quando e como, enquanto a nós nos cabe descansar nEle. Se Ele quiser, quando Ele quiser e da forma como quiser, pode ser que nos use e nos exalte no tempo dEle. A Bíblia tem inúmeras referências ao fato de que Deus exalta quem se humilha. Jesus mesmo, certo dia em que almoçava na casa de um fariseu, disse que todo aquele que se exaltar será humilhado e todo aquele que se humilhar será exaltado (*Lucas 14.11*). Em tempo oportuno devemos reconhecer que a humildade rege o reino do espírito, tanto no que diz respeito às relações com Deus,

como as reações entre irmãos. Por outro lado, a soberba destrói, de igual forma, tanto uma como a outra.

O versículo 7 é lindo, mas vamos ver o que ele tem para nos ensinar. A ansiedade não é pecado, mas certamente Deus Se agrada muito mais de nossa confiança do que de nossas orações aflitas, decorrentes do fato de não podermos visualizar uma saída para os nossos problemas. Pedro vem falando, seguidamente, a respeito de coisas que Deus quer primeiro dos presbíteros e depois da comunidade. Aqui, contudo, está algo que Deus quer de todos nós. Ele quer que **andemos por fé e não por vista (II Coríntios 5.7)**. Ao fazê-lo, conseguimos lançar sobre Ele as nossas ansiedades sem pegá-las de volta, pois confiamos que **Ele tem cuidado de nós**. Deus tem grande apreço pelo fato de nós expressarmos desta maneira a nossa confiança nEle. As grandes vitórias na vida cristã decorrem do fato de confiarmos que Ele vai fazer o que é melhor para nós, não obstante não sabermos nem onde, nem como, nem quando, simplesmente escolhendo crer que Ele é fiel.

A Bíblia nos revela que Deus nos fez participantes do Seu Reino, o qual está em meio a uma guerra contra Satanás. O desfecho dessa guerra é conhecido, mas nós somos chamados a participar e lutar no sentido de minimizar as baixas do nosso lado, bem como infligir aos inimigos as maiores baixas possíveis. Nos versículos 8 e 9 encontramos Pedro alertando os destinatários de sua carta para a forma como o inimigo age, de modo a reconhecermos os seus ataques o quanto antes. Primeiramente ele diz que **nosso inimigo, o Diabo, anda a nosso redor rugindo como um leão** (tática destes animais para amedrontar suas vítimas) **em busca de quem possa devorar**. A nós nos é dito que devemos estar alertas e vigiar. Na continuidade ele diz a seus destinatários que eles devem **resistir ao inimigo e permanecer firmes na fé, sabendo que todos os nossos irmãos em outras terras passam pelos mesmos sofrimentos**.

As recomendações de Pedro são obviamente similares a de outros autores bíblicos. *Tiago 4.7* nos recomenda que resistamos ao Diabo, pois, fazendo-o, ele fugirá de nós. Paulo diz, em *Efésios 4.27*, que devemos evitar de dar lugar ao Diabo e, em *Efésios 6.11*, que devemos nos revestir de toda a armadura de Deus (descrita detalhadamente na continuidade do texto de Efésios) para que possamos estar firmes contra as astutas ciladas do Diabo. O mesmo Paulo escrevendo para Timóteo faz alertas similares em *ITimóteo 3.6-7*.

Em tempo, é importante que todas essas recomendações coincidem no tocante a resistir ao Diabo, mas nenhum dos mesmos autores nos diz para resistir ao pecado. Ao contrário, somos conclamados, por todos eles, a fugir das tentações, porque a carne não é de confiança (ver: *ICoríntios 6.18*, *ICoríntios 10.14*, *ITimóteo 6.11*, *IITimóteo 2.22*).

O Deus glorioso, exaltado ao longo de toda a carta, Este de cuja maravilhosa graça nós fomos objeto, o mesmo que nos chamou para sermos coparticipantes da glória eterna, que Ele planejou para Jesus, o Cristo, Ele mesmo que previu para nós um aprendizado

que se baseia no sofrimento para que venhamos a ser como Ele é, no versículo 10 nos faz quatro promessas para as quais nos convém atentar:

a) Ele nos restaurará (aperfeiçoará na edição Almeida revista e corrigida)

Aquilo que precisa ser restaurado ou aperfeiçoado é algo que quebrou ou apresentou defeito. Nosso defeito obviamente foi o fato de termos sido corrompidos pelo pecado. Nosso aperfeiçoamento ou restauração reside em sermos transformados até chegarmos à semelhança perfeita de Jesus. Essa promessa maravilhosa é a mesma feita por Paulo em *Filipenses 1.6*, onde diz: "**Estou convencido de que Aquele que começou a boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus**". É verdade que, às vezes, nos frustramos conosco mesmos pelo fato de continuarmos pecando, embora não seja essa a nossa intenção. A verdade é que temos recursos para não mais fazê-lo, que nos acostumaremos a usar à medida em que passemos a pensar como o nosso irmão mais velho, a cuja semelhança estamos sendo restaurados.

b) Ele nos confirmará

A palavra confirmar significa: afirmar a verdade com exatidão, provar alguma coisa que foi afirmada, garantir a validade de algo que foi dito ou feito. Nesse sentido a unção que recebemos de Deus, através do Seu Espírito Santo, tem exatamente essa função. Em *Efésios 1.13* Paulo afirma que: "**quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória**". Já em *Romanos 8.16* Paulo afirma que "**o próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus**". A certeza de nossa participação na vida eterna que Jesus conquistou para nós não é garantida por qualquer livro ou instituição terrestre e, sim, pelo próprio Espírito Santo. Ele confirma essa verdade falando ao nosso espírito.

c) Ele nos fortalecerá

Aqui há dois aspectos importantes a serem considerados. O primeiro é para o que precisamos de forças. Não se trata aqui de força para enfrentar um adversário à altura, mas para vencer o mal com o bem (*Romanos 12.21* - "**Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem**"). Sem dúvida isso é um conceito estranho de força, motivo pelo qual o segundo aspecto é tão importante. Falando aos Seus discípulos, Jesus disse, certa vez, que "**Eu sou a videira e vocês os ramos. Se alguém permanecer em mim e Eu nele, esse dará muito fruto, pois sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma**" (*João 15.5*). Fica claro, portanto, que precisamos de forças para que possamos ser fracos aos olhos do mundo. A força que precisamos é para amar os nossos inimigos (*Mateus 5.44* - "**Mas eu lhes digo: amem os seus inimigos e orem por aqueles que lhes perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus**"). Precisamos de força para sermos submissos à autoridade, mesmo às autoridades ruins, por uma questão de consciência (*Romanos 13.5*). Precisamos de força que nos ensine a lutar as batalhas do Senhor (*Salmos 144.1*).

d) Eles nos porá sobre firmes alicerces

Quantos são os *Salmos* em que o salmista celebra o fato do Senhor ser a sua Rocha, na qual os seus pés são firmados (*Salmos 18.2, 19.14, 27.5, 40.2, 42.9, 61.2, 62.6-7, 71.3, 89.26, 92.15, 144.1* etc...). Quando passamos a confiar nEle, então, podemos ser usados porque estamos aptos para andar por fé e não por vista. O exemplo de Jeremias nos fala muito sobre isso. Deus prometeu a ele protegê-lo (*Jeremias 1.8*) e aquilo que falou no versículo 10 pouco adiante nos dá a ideia de que ele seria indestrutível ("**Eu hoje dou a você autoridade sobre nações e reinos para arrancar, despedaçar, arruinar e destruir, para edificar e plantar**"). Quem lê o restante do livro reconhece que não era bem isso, mas num aspecto todos concordaremos: Jeremias sempre teve os seus pés firmados sobre a Rocha e não vacilou em momento algum.

É por isso mesmo que Pedro irrompe no versículo 11 em palavras de louvor e adoração, da mesma forma como Paulo o faz em diversas ocasiões (ver, por exemplo, *Romanos 1.25 e 9.5*). Não há dúvida de que o verdadeiro louvor é aquele que irrompe de lábios espontâneos.

Em suas saudações finais (versículos 12 a 14) não está muito claro se Silvano (o mesmo Silas, colaborador de Paulo) foi a pessoa que redigiu esta carta a partir das palavras pronunciadas por Pedro, ou se ele era apenas o portador da mesma, levada para as igrejas às quais foi destinada. Considerando a pouca cultura de Pedro e o bom grego da carta, podemos aceitar a primeira hipótese. Seja como for, Pedro se sente obrigado a credenciá-lo no texto, dizendo tratar-se de um irmão fiel e, portanto, digno de crédito.

Pedro faz menção à Igreja de Roma usando o nome Babilônia, que foi obviamente entendido pelos destinatários, mas que poderia confundir os de fora, caso a carta fosse interceptada.

O Marcos a quem Pedro se refere aqui é o mesmo que acompanhou Barnabé e Paulo na primeira viagem missionária e que era sobrinho de Pedro.

A saudação de paz a todos os que estão em Cristo é obviamente a melhor maneira de encerrar a carta.

II Pedro 1

Versículos 1 a 21

1 Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, àqueles que, mediante a justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, receberam conosco uma fé igualmente valiosa:

2 Graça e paz lhes sejam multiplicadas, pelo pleno conhecimento de Deus e de Jesus, o nosso Senhor.

3 Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude.

4Dessa maneira, ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça.

5Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento;

6ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade;

7à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor.

8Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos.

9Todavia, se alguém não as tem, está cego, só vê o que está perto, esquecendo-se da purificação dos seus antigos pecados.

10Portanto, irmãos, empenhem-se ainda mais para consolidar o chamado e a eleição de vocês, pois, se agirem dessa forma, jamais tropeçarão

11e assim vocês estarão ricamente providos quando entrarem no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

12Por isso, sempre terei o cuidado de lembrá-los destas coisas, se bem que vocês já as sabem e estão solidamente firmados na verdade que receberam.

13Considero importante, enquanto estiver no tabernáculo deste corpo, despertar a memória de vocês,

14porque sei que em breve deixarei este tabernáculo, como o nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou.

15Eu me empenharei para que, também depois da minha partida, vocês sejam sempre capazes de lembrar-se destas coisas.

16De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando falamos a vocês a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade.

17Ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que disse: "Este é o meu filho amado, de quem me agrado".

18Nós mesmos ouvimos essa voz vinda dos céus, quando estávamos com ele no monte santo.

19Assim, temos ainda mais firme a palavra dos profetas, e vocês farão bem se a ela prestarem atenção, como a uma candeia que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça no coração de vocês.

20Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal,

21pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo.

A segunda epístola de Pedro, juntamente com as cartas de *Judas*, *IIJoão* e *IIIJoão* foram os últimos textos a serem incluídos no cânon bíblico. São textos que foram questionados por muitos, inclusive Erasmo, Lutero e Calvino após a sua inclusão no quarto século. Há vários motivos para esse questionamento no caso de *IIPedro*, mas o principal diz respeito à autoria, que se questiona, alegando não poder ser de Pedro por causa das grandes diferenças em relação à carta de *IPedro*. Enquanto a primeira epístola de Pedro nos

apresenta um grego de excelente qualidade, provavelmente o mais culto de todo o Novo Testamento, a epístola de segunda Pedro foi escrita por uma pessoa cujos conhecimentos da língua são muito inferiores. Considerando que Pedro era um pescador analfabeto da região da Galileia (*Atos 4.13*) é totalmente intuitivo que ele tivesse se servido do mesmo expediente de Paulo, qual seja, o de fazer uso de um escriba para as suas cartas. Paulo o fazia por falta de capacidade visual (*ITimóteo 3.17*), de modo que ditava suas cartas em grego, mas Pedro, por falta de fluência, provavelmente ditava em aramaico aquilo que o escriba traduzia para o grego com suas próprias construções. Em sua primeira carta, Pedro provavelmente faz uso de Silas, um auxiliar de Paulo (*IPedro 5.12*), o que não apenas explica o excelente grego, ressaltado acima, mas também a semelhança de algumas expressões de Pedro com as de Paulo (*/42/*, pág. 543). Como escriba da segunda carta, algumas pessoas têm sugerido o nome de Marcos, sobrinho de Pedro, para o qual grego era uma língua estrangeira. Seja como for, a simples troca de escriba, para a redação de suas duas cartas, é motivo suficiente para justificar a mudança de linguagem de uma para a outra.

É inegável que as coisas que são ditas nas duas epístolas vêm de pensamentos bastante diferentes, mas isso não é o suficiente para chegar à conclusão que estes são oriundos de cabeças diferentes. Em primeiro lugar é necessário reconhecer que as duas epístolas são escritas para pessoas enfrentando problemas diferentes. A primeira é escrita para exortar crentes novos que começam a enfrentar perseguições e que precisam entender os motivos destas e a necessidade de vencê-las pela fé, tomando por base o exemplo do sofrimento do próprio Cristo. Neste âmbito, o autor fala da volta de Cristo como um prêmio. Já a segunda epístola tem como ênfase o combate a doutrinas falsas que estão adentrando as portas da Igreja, principalmente aquelas ligadas ao Gnosticismo. A estas pessoas a epístola ensina que é necessário estarem alertas, porque a volta de Cristo só será vitoriosa para aqueles que guardarem o "verdadeiro conhecimento" (verdadeiro Gnosticismo). Ao contrário de *IPedro*, a segunda epístola, deixa de falar da iminência da volta de Cristo para justificar a sua demora em ocorrer. Isso se dá atrás do bem conhecido versículo de *IIPedro 3.9*.

Embora ambas as epístolas falem muito a respeito da volta de Cristo, apenas a segunda fala da destruição do mundo pelo fogo, dando-nos uma descrição que muito se assemelha a uma guerra atômica.

No versículo 1 é, no mínimo, curioso que Pedro use seu nome duplo, Simão Pedro, diferentemente do que fez em *IPedro*, onde se apresentou simplesmente como Pedro. Além disso, ele, que lá se apresentara como apóstolo de Jesus Cristo, aqui o faz como escravo (servo) e apóstolo de Jesus Cristo.

Tendo saudado os destinatários de sua segunda carta, Pedro lhes deseja "graça e paz" (versículo 2), a exemplo do que fizera em sua primeira (*IPedro 1.2b*), mas ele acrescenta aqui uma informação referente a como essa graça e paz podem ser multiplicadas: pelo pleno conhecimento de Deus e Jesus Cristo, o nosso Senhor. Ele introduz, desta forma, o assunto principal de sua carta desde a saudação, visto que o conhecimento definido

pelo Gnosticismo não é o verdadeiro conhecimento de Deus e muito menos do Seu plano maravilhoso de salvação através de encarnação feita em Jesus Cristo. Ficava claro já na saudação, portanto, que os cristãos que estavam se deixando levar pelo "conhecimento" vindo do Gnosticismo não eram capazes de apresentar uma vida abundante da graça e paz do Senhor.

Os versículos 3 a 11 falam a respeito do que é necessário para que os crentes tenham certeza de sua vocação e de sua eleição cristã. Pedro começa dizendo no versículo 3, que Deus, pelo Seu poder, nos deu tudo que precisamos para a vida e piedade. É importante ressaltar aqui, que Deus não nos dá tudo que "queremos", mas tudo que "precisamos". Além disso, o que nos é dado para que tenhamos uma vida cristã de piedade, vem pelo pleno conhecimento dAquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. Ficamos sem sujeito na frase, mas em *IPedro* Quem nos chamou para nos fazer participantes de Sua glória foi Jesus, pelo que não há motivo para que isso aqui não fique implícito.

"Dessa maneira", ou seja, tendo nos dado tudo que precisávamos para uma vida piedosa, por meio do conhecimento de Jesus, esse "tudo" se expressa através de grandiosas e preciosas promessas, que permitem que nos tornemos participantes da natureza divina, vencendo, assim, a corrupção do mundo, que é o resultado de suas paixões ou cobiça. Michael Green (/65/, pág. 61) critica, por um lado, a vulgaridade dos termos gregos usados por Pedro, mas elogia, por outro, a forma como consegue usar esses mesmos termos para falar aos gregos em sua linguagem de rua, sobre os erros do Gnosticismo, que negavam a possibilidade de santidade de vida do homem carnal, visto que a carne é matéria e a matéria é corrompida. Pedro está dizendo exatamente o contrário, pois o verdadeiro conhecimento de Cristo se faz acompanhar do novo nascimento, com Deus passando a habitar o homem, dando à sua natureza velha, "sem forma e vazia", conteúdo e expressão, através de ricas promessas que nos permitem ser como é o Varão Perfeito, o qual, por Sua vez, é **"o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser"** (*Hebreus 1.3*). Não devemos ser tentados a pensar que Pedro está sugerindo que passamos a ter alguma participação divina em nossa própria nova natureza. A participação que temos é o Espírito de Deus habitando em nós, tal como previsto em *Ezequiel 36.27* (**"Porei o Meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os Meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis"**). É na obediência à voz do Espírito que reside o cumprimento das promessas transformadoras de nossas vidas. É possível, portanto, que a carne seja de tal forma transformada, que ela se torne santa. Se há alguma área de nossas vidas em que isto não esteja acontecendo, decorre única e exclusivamente do fato de estarmos sendo desobedientes à voz do Espírito de Deus. Isso é exatamente o mesmo que Paulo fala em *Romanos 8.9*. Por outro lado, se somos obedientes, podemos dar o mesmo testemunho que Paulo em *Gálatas 2.20*. A intenção do Espírito Santo é sempre a de fazer com que possamos fugir às tentações das paixões da carne. Vemos, portanto, que as palavras de Pedro são extremamente precisas, permitindo que o cidadão grego do dia a dia, possa conhecer a diferença entre o conhecimento de Cristo e o conhecimento do Gnosticismo (versículo 4).

Os versículos 5 a 7 apresentam a versão de Pedro para os ensinamentos de Paulo que encontramos em *Romanos 5.1-5* e de Tiago em *Tiago 1.2-4*. Estes 3 textos têm em comum o fato de ensinarem que o crescimento cristão é o resultado cíclico das experiências que vivemos com Cristo ao andarmos em obediência ao Espírito Santo. É interessante compararmos as 3 sequências:

Pedro: fé → virtude → conhecimento → domínio próprio → perseverança → piedade → fraternidade → amor

Paulo: fé → tribulação → perseverança → caráter aprovado → esperança (amor)

Tiago: provações (provas da fé) → perseverança → crentes maduros e íntegros → sabedoria

Segundo Green (/65/, pág. 63) a ética estoica produzia listas de qualidades que o homem "conquistava" à medida em que crescia no conhecimento. Pedro estaria usando, portanto, uma lista similar, porque sabia que ela seria entendida por seus leitores. A principal diferença, contudo, é que as qualificações da lista de Pedro eram alcançadas pela graça de Deus, na medida em que dá ouvido ao Seu Espírito, ao invés de se esforçar por conquistá-las por esforço próprio.

As qualificações citadas por Pedro principiam com a fé, que é o reconhecimento do senhorio dAquele que morreu e foi ressuscitado dos mortos por Deus, depois de pagar o preço dos nossos pecados (*Romanos 10.9*), abrindo, assim, o caminho para o novo nascimento, no qual passamos a ter Deus por Pai e ganhamos um espírito novo e o próprio Espírito de Deus habitando em nós. A segunda qualificação citada por Pedro é a "virtude". A palavra grega, traduzida por virtude, significa "excelência". A excelência, por sua vez, retrata o bom desempenho de alguma coisa. A excelência do açúcar é adoçar, a do sal é salgar e a excelente faca corta, mas qual é a excelência do homem? Pedro já tinha respondido a essa pergunta no versículo 3, ao dizer que o pleno conhecimento de Cristo nos leva à sua glória e virtude. A excelência do homem reside, portanto, em se parecer com Cristo, ou seja, em chegar à estatura do Varão Perfeito (*Efésios 4.13*).

Seguindo a lista de Pedro, chegamos ao "conhecimento" (apenas gnosís no grego). Gnosís, simplesmente, seria "sagacidade ou sabedoria prática". No contexto bíblico, contudo, é a sabedoria que nos permite distinguir entre o bem e o mal, indicando o caminho para nos desviarmos deste último (ver *Hebreus 5.14*). Pedro parece insistir na palavra conhecimento, por estar interessado em desmascarar o falso conhecimento retratado pelo Gnosticismo. O verdadeiro conhecimento está em Cristo e Pedro sabia por experiência própria que Ele é a nossa Rocha Angular e que quem nEle crê jamais será confundido (*Isaías 28.16*).

Continuando na lista de Pedro, chegamos ao "domínio próprio". Esta qualificação figura também como fruto do Espírito na lista produzida por Paulo em *Gálatas 5.22-23*. Tem um valor especial para a filosofia moral grega, pois lida com o controle das paixões ao invés de ser controlado por elas. Na ética estoica os mestres criam que o conhecimento

os liberava da necessidade do autodomínio, motivo pelo qual Pedro insistiu na posição de que o conhecimento de Cristo é o verdadeiro, por levar justamente ao domínio próprio, um fruto do Espírito, que resulta da obediência à voz desse mesmo Espírito Santo.

Como consequência desse domínio próprio, surge na vida do servo de Deus a “perseverança”, que é a capacidade dele de aceitar situações adversas sem reclamar, por ter certeza que **"todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus"** (*Romanos 8.28*). Sua confiança em Deus não é abalada por enfermidades, situações adversas, perseguições ou qualquer outra circunstância prejudicial, porque ele sabe que o seu Redentor vive e reina. Não se trata de qualquer tipo de fatalismo ou "carma" e, sim, da certeza de que Deus sempre tem um propósito na vida de Seus servos. É a perseverança que faz com que o crente louve a Deus, não obstante as circunstâncias.

A próxima qualificação é a “piedade”, que alguns traduzem como reverência ou dedicação a Deus. No Judaísmo seria uma pessoa que guardava a lei, mas no Cristianismo se trata de uma pessoa temente a Deus, pelo que trata tanto a Deus como ao seu próximo com amor e respeito. Os falsos mestres do Gnosticismo se julgavam pessoas piedosas devido ao seu conhecimento gnóstico, mas Pedro certamente incluiu aqui essa qualificação para ressaltar o quão longe eles se encontravam dela. Eusebeia, a palavra grega correspondente, não é um sinônimo de religiosidade, mas, sim, de um relacionamento sincero e prático com Deus.

Continuando com a lista chegamos à “fraternidade”. Não é possível ter amor por Deus sem ter amor pelo próximo. É isso que João nos diz em *I João 4.20*: **"se alguém afirmar, eu amo a Deus, e odiar o seu irmão é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê"**. É compreensível, contudo, que esta qualificação se encontre aqui quase ao final da lista, porque é sem dúvida uma das tarefas em relação à qual temos os maiores fracassos. É inegável que demonstremos preconceitos de raça, classe social, nível cultura etc... A "philadelphia" é, portanto, um atributo que precisamos cultivar. Devemos nos acostumar a querer carregar os fardos uns dos outros. O meu irmão, que nasceu do mesmo Pai que eu, é amado por meu Pai tanto quanto eu, pelo que o meu amor por ele deve ser igualmente incondicional. A minha indiferença é inaceitável, tanto para Deus quanto deve ser para mim mesmo. Esse deve ser um alvo do meu crescimento cristão: amar o meu próximo como a mim mesmo.

Corando a lista de Pedro vem o amor “Agape”, que Deus demonstrou primeiro por nós, mas espera que nós demonstremos também, não só para com Ele, mas uns pelos outros. Esse amor foi demonstrado de tal maneira, que Deus efetivamente se fez carne na figura de Seu Filho Jesus e morreu a nossa morte, para que nós, por nossa vez, pudéssemos ter vida eterna. *João 3.16* apresenta isso de maneira clara, mas certamente não por coincidência, *I João 3.16* nos ensina que devemos, nós também, estar dispostos a dar a nossa vida uns pelos outros. Nada é mais importante na vida cristã, que o plano de Deus em meu favor e em favor do meu irmão. Minha prioridade deve ser, portanto, a conversão dele, mesmo que isso custe a minha própria vida. Nós só entendemos plenamente o

amor de Deus no dia em que a vida eterna do meu próximo for tão importante para mim quanto é para Deus.

Os versículos 5 a 7 apresentaram uma série de qualidades que devem ser encontradas na vida daquele que se torna filho de Deus. Nada mais natural, portanto, do que Pedro resumir isso da forma como o faz no versículo 8. Há, contudo, um ponto muito importante que deve ser ressaltado no âmbito desse versículo, com o qual Pedro deseja estabelecer uma clara distinção entre as qualidades daquele que nasceu de Deus e daquele que foi "iluminado pelo gnosticismo". Os mestres gnósticos alegavam que o "conhecimento progressivo" adquirido permitia ao "iluminado" desenvolver qualidades similares a algumas encontradas na lista de Pedro. Ele, ao contrário, diz que essas qualidades já existem na vida daqueles que nasceram de novo e que devem crescer para garantir a sua operacionalidade e a produtividade. Ele quer ressaltar com isso que nós não temos qualquer mérito no surgimento dessas qualidades, pois fazem parte do pacote da graça que acompanha o novo nascimento, que ocorre em função do "pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo". Isso se dá em contraposição às qualidades do gnóstico que decorrem do seu esforço pessoal por adquirir conhecimento.

O versículo 9, à primeira vista, parece contradizer o que foi dito acima. Pedro estaria dizendo que aquele que se diz crente, mas cuja vida não possui essas qualidades, é cego e só vê o que está próximo, pelo que se esqueceu do perdão dos seus antigos pecados. A contradição aventada acima reside no fato de que o crente, nascido de novo, possui essas qualificações, mesmo que não as tenha desenvolvido, porque elas vieram no pacote da graça. Se essa pessoa teve seus antigos pecados perdoados por Deus, não há dúvida de que ela recebeu essas qualificações, mas o fato delas não serem visíveis em sua vida, significa apenas que elas não tiveram qualquer desenvolvimento, pois a pessoa em apreço continuou a viver uma vida voltada para as coisas do mundo. Isso é confirmado pelo fato de Pedro chamá-la de cega. O curioso, contudo, é que esse cego enxerga e tem olhos para as coisas que estão perto. Em outras palavras, a sua cegueira é espiritual, pelo que ele tem ainda olhos para as coisas de perto, quais sejam as mundanas. Cabe ressaltar ainda a memória curta desse crente (com "c" minúsculo), que se esqueceu ou fez questão de esquecer o compromisso, um dia assumido, segundo o qual Jesus seria o Senhor de sua vida, pois o seu prazer nas coisas do mundo fez com que o seu domínio próprio tenha perdido a guerra para o pecado.

O versículo 10 deixa claro que a eleição divina, seguida do chamamento do servo eleito, se faz acompanhar de todas as qualidades ou dons do Espírito Santo, mas que a nossa decisão sincera de aceitar o senhorio de Jesus Cristo deve ser confirmada a cada dia, na medida em que nos esforçamos para não dar lugar ao pecado, que tão de perto nos assedia. Embora o assunto aqui não seja a apostasia do crente, Pedro parece estar falando acerca de como evitá-la: devemos nos esforçar por consolidar a nossa chamada e eleição. Quanto à apostasia, que o autor de *Hebreus* introduz no capítulo 6, da maneira mais contundente de toda a Bíblia, Pedro vai voltar ao assunto no final do capítulo 2, pelo que podemos deixar para discutir o assunto quando lá chegarmos.

Pedro encerra essa parte complementando, no versículo 11, que o crente que atender à sua exortação do versículo 10, estará ricamente provido quando entrar no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não há dúvida que Pedro enxerga a vida aqui sobre a Terra como um período de luta e sofrimento e que a coroa da vida, acompanhada da verdadeira felicidade, só serão possíveis no Reino Celestial de nosso Pai. Uma das grandes dificuldades, portanto, para que os crentes de nossos dias entendam ou achem necessário por em prática o que ele está dizendo, reside justamente no fato de não compartilharem desse pensamento. A ideia deles é que seja possível viver deliciosamente sobre a Terra, sem que isso implique em qualquer tipo de pecado. Para que isso seja uma realidade sempre, portanto, tendem a separar a sua vida secular da sua vida espiritual, com o seu tempo dividido entre as duas, ficando cada vez menos para a espiritual. É claro que vivemos em um país onde há liberdade religiosa e onde é muito pequena a perseguição àqueles que optam por dedicar as suas vidas à pregação do Evangelho, mas o número das pessoas que assim vivem é muito pequena, justamente porque poucos creem que ser servo de Jesus Cristo seja um ofício de tempo integral.

É curiosamente lamentável que o nosso fervor a Deus precise estar associado à perseguição e ao sofrimento para que floresça. Não é sem motivo, portanto, que o Cristianismo tenha florescido justamente em meio à perseguição, que foi feita à Igreja Primitiva e que tenha chegado a um estado de letargia quando a Igreja foi estatizada por Constantino. Quando Paulo faz sua maravilhosa confissão de vitória a Timóteo ("**Combati o bom combate, terminei a corrida e guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia**") ele a estende também a todos que amam a Vinda de Jesus. A pergunta que devemos nos fazer é quantos de nós realmente amam a volta de Jesus? Será que a grande maioria de nós não está, ao contrário, satisfeita com a vida que tem e querendo mais que Jesus adie Sua volta? Não há dúvida que a exortação de Pedro no versículo 10 é tão atual para nós como o era para os destinatários de sua carta.

No versículo 12, Pedro faz um intervalo em suas exortações e como que pede desculpas por estar sendo tão repetitivo. Ele reconhece que eles já sabem tudo isso e que estão solidamente firmados nas verdades do Evangelho de Jesus Cristo que haviam recebido. Mesmo assim ele diz que vai ter sempre o cuidado de lembrá-las a eles. Sem mais nada, este versículo nos fala do amor e do zelo que Pedro nutre pela Igreja de Jesus Cristo e, particularmente, pelos filhos na fé, aos quais está escrevendo.

Pedro parece dizer, no versículo 13, que considera importante aquilo que Jesus pedira para ele fazer. Depois de negar Jesus 3 vezes, Pedro esteve com o seu Senhor ressurreto às margens do mar da Galiléia, onde Jesus lhe disse, também 3 vezes, que ele deveria "**apascentar as Suas ovelhas**". Era exatamente isso que Pedro estava fazendo enquanto relembrava a eles tudo que lhes ensinara e continuaria a fazê-lo enquanto tivesse tempo (e vida) para fazê-lo.

Sabemos que naquele mesmo dia posterior à ressurreição, às margens do mar da Galiléia, Jesus disse também a Pedro que haveria de morrer de morte violenta em sua

velhice (*João 21.18-19*). Neste versículo 14, Pedro informa aos seus leitores que já estaria avisado pelo Senhor que ele estaria partindo desta vida dentro em breve. Não sabemos se ele se referia àquilo que Jesus dissera na Galileia e que fora registrado por João, ou se ele recebera alguma outra revelação do Senhor, mas, seja como for, Pedro estava falando de sua partida iminente como uma coisa natural que estava por ocorrer. Desta forma ele justificava a urgência de relembrar a eles todos esses seus ensinamentos .

Não sabemos exatamente do que Pedro está falando, no versículo 15, ao dizer que se empenhará, também, para que, depois de sua partida, eles tivessem um meio de se lembrar dessas coisas. Claro que ele poderia estar se referindo à própria carta que estava escrevendo (*IIPedro*), mas a maioria dos teólogos acha que ele estaria se referindo ao Evangelho de Marcos, que ele, de alguma forma, faria chegar às mãos deles. O primeiro a defender essa idéia parece ter sido Irineu, que nasceu por volta da mesma época do martírio de Pedro. Aparentemente Irineu teria em mãos uma cópia de *IIPedro*, ao registrar isso em seus escritos.

Do versículo 16 em diante, até o final do primeiro capítulo, Pedro passa a falar a respeito das Escrituras, defendendo-as como se estivessem sendo atacadas pelos falsos mestres do Gnosticismo. Particularmente neste versículo, é como se estivesse falando a respeito de algum texto relativo ao Evangelho de Jesus Cristo, no qual estaria sendo ridicularizado como uma série de eventos inventados. Respondendo a isso, Pedro faz questão de dizer que ele mesmo foi testemunha ocular dos principais eventos que estariam sendo taxados de fábulas.

Em particular, nestes versículos 17 e 18, Pedro se lembra de um evento que comprova o quanto Jesus era exatamente o que dizia ser: o Filho Amado de Deus Pai, de quem recebeu honra e glória pela forma como O agradou em Seu ministério terreno. Ele confirma ter ouvido isso, dito pelo próprio Pai, quando estava com Jesus no monte da transfiguração (não especificado), onde subira para orar com Tiago e João: *Mateus 17.5*.

Do versículo 19 em diante, até o final do primeiro capítulo, Pedro lembra a eles que no Antigo Testamento Deus falava através de profetas e muitas vezes os próprios profetas eram usados por Deus para reclamar que os seus servos não eram ouvidos. Ver, por exemplo, *Jeremias 7.25*: "**Desde a época em que os seus antepassados saíram do Egito até o dia de hoje, eu lhes enviei os meus servos, os profetas, dia após dia. Mas eles não me ouviram e nem deram atenção. Antes tornaram-se obstinados e foram piores do que os seus antepassados**". Aqui Pedro diz aos seus leitores que eles, de igual forma, devem ouvir as palavras dos profetas que chegam até eles, considerando-as como uma lâmpada que brilha na escuridão até que a verdade se faça dia em suas vidas e a "estrela d'alva" (Jesus) nasça em seus corações.

Nos versículos 20 e 21, Pedro deixa claro que está se referindo ao registro escrito dos profetas do passado deixados nas páginas das Escrituras Sagradas, ou seja, na Bíblia. Ele o faz esclarecendo que nenhum texto de Escritura é de interpretação pessoal, pois ela não é originada na mente de homens e, sim, na inspiração do Espírito Santo de Deus.

Aqui a interpretação é válida nos dois sentidos, quais sejam, a interpretação de um texto bíblico, para quem o lê, só é correta se for inspirada pelo mesmo Espírito Santo. Por outro lado, nenhum profeta do texto bíblico escreveu o que bem quis, porque o texto é de inspiração divina e os profetas escreveram apenas o que Deus colocou em suas mentes. Todas as vezes que alguém deu interpretação particular a um texto bíblico específico, entendendo que descobriu algo que os outros nunca viram, o resultado tem sido desastroso para essa pessoa mesmo e para quantos consegue convencer quanto à veracidade de sua "nova doutrina". Pedro não está dizendo que todos concordam sobre todos os textos bíblicos, nem tampouco que tudo na Bíblia esteja claro, mas está alertando para a veracidade dos textos bíblicos por serem inspirados pelo Espírito Santo, ao mesmo tempo em que pode estar alertando para o perigo do uso de textos fora de seu verdadeiro contexto e sentido.

II Pedro 2

Versículos 1 a 22

1No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

2Muitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade.

3Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram. Há muito tempo a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda.

4Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno, prendendo-os em abismos tenebrosos a fim de serem reservados para o juízo.

5Ele não poupou o mundo antigo quando trouxe o Dilúvio sobre aquele povo ímpio, mas preservou Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas.

6Também condenou as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas, tornando-as exemplo do que acontecerá aos ímpios;

7mas livrou Ló, homem justo, que se afligia com o procedimento libertino dos que não tinham princípios morais

8(pois, vivendo entre eles, todos os dias aquele justo se atormentava em sua alma justa por causa das maldades que via e ouvia).

9Vemos, portanto, que o Senhor sabe livrar os piedosos da provação e manter em castigo os ímpios para o dia do juízo,

10especialmente os que seguem os desejos impuros da carne e desprezam a autoridade. Insolentes e arrogantes, tais homens não têm medo de difamar os seres celestiais;

11contudo, nem os anjos, embora sendo maiores em força e poder, fazem acusações injuriosas contra aqueles seres na presença do Senhor.

12Mas eles difamam o que desconhecem e são como criaturas irracionais, guiadas pelo instinto, nascidas para serem capturadas e destruídas; serão corrompidos pela sua própria corrupção!

13Eles receberão retribuição pela injustiça que causaram. Consideram prazer entregar-se à devassidão em plena luz do dia. São nódoas e manchas, regalando-se em seus prazeres, quando participam das festas de vocês.

14Tendo os olhos cheios de adultério, nunca param de pecar, iludem os instáveis e têm o coração exercitado na ganância. Malditos!

15Eles abandonaram o caminho reto e se desviaram, seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o salário da injustiça,

16mas em sua transgressão foi repreendido por uma jumenta, um animal mudo, que falou com voz humana e refreou a insensatez do profeta.

17Esses homens são fontes sem água e névoas impelidas pela tempestade. A escuridão das trevas lhes está reservada,

18pois eles, com palavras de vaidosa arrogância e provocando os desejos libertinos da carne, seduzem os que estão quase conseguindo fugir daqueles que vivem no erro.

19Prometendo-lhes liberdade, eles mesmos são escravos da corrupção, pois o homem é escravo daquilo que o domina.

20Se, tendo escapado das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, encontram-se novamente nelas enredados e por elas dominados, estão em pior estado do que no princípio.

21Teria sido melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido.

22Confirma-se neles que é verdadeiro o provérbio: "O cão volta ao seu vômito" e ainda: "A porca lavada volta a revolver-se na lama".

Pedro continua aqui a sua comparação com aquilo que ocorreu no passado. O AT narra em várias ocasiões o surgimento de falsos profetas, pelo que ele adverte para que contem, na realidade presente de seus leitores, com o surgimento de falsos mestres, os quais introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar Jesus e trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

Green (/65/, pág. 90) cita a forma de ensino dos falsos mestres como bajulação, suas ambições como financeiras, suas vidas como desregradas, suas consciências como cauterizadas e seus alvos como o engano dos incautos. Neste caso o engano era praticado através de heresias destruidoras da verdade, dentre as quais as mais comuns eram negar a eficiência da morte substitutiva de cruz e a divindade dAquele que ofereceu a salvação gratuitamente (*Tiago 2.7*). Negavam, desta forma, também a necessidade de uma vida santa para aqueles que aceitavam o senhorio de Jesus. Falando desses mesmos falsos mestres, Paulo chama a atenção dos tessalonicenses para a forma pela qual seu próprio ministério diferia do deles (*ITessalonicenses 2.5*). O resultado do sucesso desses falsos mestres, que permeiam até hoje as nossas igrejas, é sempre a difamação do Evangelho de Jesus Cristo.

No versículo 3, Pedro ressalta, mais uma vez, que a cobiça é a sua motivação, pelo que não se importam de falsificar a informação com que impressionam aqueles que os seguem. Felizmente, contudo, não podiam enganar a Deus, pelo que já haviam sido condenados e a sua destruição não tardaria, como diz o próprio Pedro.

Nos versículos 4 a 6, Pedro nos dá 3 exemplos do juízo de Deus sobre o pecado e de como esse juízo se estende sobre aqueles que escolhem viver nele. O primeiro desses juízos é para os anjos rebeldes, com relação aos quais Pedro já nos informara, em *IPedro 3.19*, que Jesus pregara em suas prisões. A Bíblia fala a respeito deles em *Gênesis 6.1-4*, em *Judas 6* (repetição de *IPedro*), e certamente fazem parte do grupo de anjos que João menciona em *Apocalipse 12.7-9*. Pedro nos informa que eles foram "lançados no inferno", onde estão "presos num abismo tenebroso", esperando o juízo. Quanto ao crime destes anjos, somos informados aqui apenas que "pecaram", mas o texto de *Gênesis* nos diz que esses seres, aparentemente anjos caídos, que são chamados de "nefilins", teriam tido relações com humanas, que resultaram no surgimento de homens superdotados. Não temos interesse particular na discussão do pecado desses seres, por total falta de informação a respeito, e nem queremos avaliar a existência na Bíblia de seres tipo "Hércules", semi-humanos e semideuses, mas queremos, isso sim, ressaltar a total intolerância de Deus para com esse tipo de pecado.

O julgamento de Satanás, e dos demais anjos que acompanharam a sua rebelião contra Deus, já se deu, conforme somos informados em *João 16.11* (e do juízo porque o príncipe deste mundo já está condenado), em *Apocalipse 20.10*, onde se dá o cumprimento desse juízo (o Diabo, que enganava as nações, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre) e em *Mateus 8.29*, onde vemos que havia um tempo estipulado também para os demais anjos caídos (**Vieste aqui nos atormentar antes do tempo?**).

Para os pecados sexuais que acompanham a decadência moral, vemos que Deus, ao longo da história, sempre mostrou uma tolerância bem menor. Exemplos bíblicos incluem este com o qual estamos lidando: o dilúvio, Sodoma e Gomorra e o juízo de Canaã. Exemplos históricos incluem a Grécia antiga e o Senado romano. Se há algum sinal em nossos tempos da proximidade do Juízo Final, este, sem dúvida, é a degradação moral generalizada de nossos dias.

O segundo exemplo do juízo de Deus sobre o pecado é justamente o dilúvio, já citado acima. Pedro se limita a mostrar o contraste do juízo de Deus sobre a impiedade e a misericórdia dEle para com Noé e sua família, por ser um pregador da justiça. É curioso que essa informação a respeito do fato de Noé ser um pregador da justiça não vem do AT. Por outro lado, somos informados em *Gênesis* que Deus se aproximou de Noé depois do nascimento de seus filhos, quando tinha 500 anos e o juízo veio quando ele completou 600. Assim sendo, a construção da arca pode ter levado até 100 anos para se completar. Ao longo deste período é intuitivo que Noé tenha sido questionado e escarnecido muitas vezes por construir um navio de 135m de comprimento no topo de uma montanha (Arará). É claro, igualmente, que a todos estes Noé pregou falando do juízo de Deus, sem que sua pregação tenha tido um único convertido. Não obstante a Sua intolerância com o pecado, Deus foi muito tolerante com os antediluvianos durante os quase 100 anos de obra, mas todos rejeitaram o "navio graça" que Ele mandou construir, bem como as explicações do Seu servo Noé, arauto da fé.

O terceiro exemplo de juízo, também já citado acima, foi a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, devido à mesma impiedade atribuída aos antediluvianos.

No versículo 7 Pedro, mais uma vez, atribui a Ló qualificações das quais o Antigo Testamento não fala: ele estaria se afligindo com o libertinismo dos que não tinham princípios morais. No versículo 8 somos informados, ainda, que ele se atormentava, em sua alma justa, com as maldades que via e ouvia. Talvez esse Ló descrito por Pedro não se pareça totalmente com aquele que não teve dúvida em escolher as terras mais irrigadas, deixando o pior para o velho tio Abraão e o qual os anjos tiveram que arrastar para fora da cidade porque ele aparentava ter dificuldade de deixar os bens para trás e cuja esposa virou uma estátua de sal exatamente pelo mesmo motivo. Seja como for, Deus conhece o coração e o Espírito certamente sabia o que estava dizendo quando inspirou Pedro. Assim sendo, podemos ver, diz Pedro, como o Senhor sabe cuidar dos piedosos e ao mesmo tempo reservar para os ímpios, tanto o castigo presente como o juízo futuro.

Um pensamento interessante introduzido por Green (/65/, pág. 97) é que os livramentos de Deus, tanto para Noé como para Ló, e certamente para nós hoje de igual forma, são somente por causa do que Ele é e não por causa do que eles foram ou pelo que nós somos. Pouco importa, portanto, se Noé e Ló foram bem sucedidos sempre ou se pisaram na bola de vez em quando. O importante para Deus é que ambos O amavam e, embora Paulo ainda não o tivesse escrito, certamente ambos já sabiam que **todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam**. Assim sendo, poderíamos parafrasear a primeira parte do versículo 9 da seguinte forma: vemos, portanto, que Deus, pela Sua Maravilhosa Graça, está sempre preparado para livrar da provação aqueles que O amam. Além disso, devemos ressaltar que "livrar de provações" não é sinônimo de impedir que elas nos atinjam e, sim, prover para que elas se tornem em grandiosas experiências de crescimento para as vidas de Seus servos. Reconhecemos, portanto, que Noé foi provado durante quase 100 anos, ao longo dos quais foi criticado e ridicularizado, mas teve a oportunidade de provar e proclamar a sua fé nAquele que lhe fizera promessas, dentre as quais elevar o nível das águas centenas de metros numa terra onde não chovia. Ló, que crescera os olhos na planície bem regada do Jordão, foi provado justamente por tê-la escolhido, tendo que vê-la totalmente destruída, virando cinzas.

Na segunda parte do verso 9 Pedro parece se lembrar dos falsos mestres que tinham sido o tema de todo o capítulo 2. Dos mesmos de quem ele dissera no versículo 3, que sua destruição não tardaria, ele agora diz que Deus os manteria em castigo para o Dia do Juízo.

Lembrando-se, então, dos 3 exemplos de decadência moral que ele citara nos versículos 4 a 8, ele agora particulariza o castigo para os que seguem desejos impuros da carne e nos surpreende ao adicionar "aqueles que desprezam a autoridade".

Obviamente a primeira pergunta que nos fazemos é: de que autoridade ele está falando?

Se lembrarmos, contudo, de que Pedro está falando de falsos mestres no seio da própria Igreja, segue que as autoridades que estão sendo desrespeitadas são exatamente as autoridades da Igreja, dentre as quais o próprio pastor, principalmente.

Neste ponto podemos atentar para a grande quantidade de vezes que Deus deixou claro que tem horror àqueles que causam dissensão entre os irmãos. Lembramos aqui, então, das 6 coisas que Deus odeia, mas da sétima que Ele abomina, qual seja justamente aquele que provoca a discórdia entre irmãos (*Provérbios 6.16-19*).

No versículo 10b Pedro faz uma alusão a esses mesmos falsos mestres, tendo em vista a forma como desrespeitam até mesmo os seres celestiais, chamando-os de insolentes e arrogantes, embora não saibamos aqui exatamente a que fato Pedro está se referindo. É possível que Pedro esteja dizendo que esses falsos mestres tenham desrespeitado os líderes indicados por Deus, que estariam sendo tratados, por ele, como sendo os representantes divinos.

Como comprovação do quão absurdo é esse fato, Pedro nos informa no versículo 11, que nem mesmo os anjos, embora sejam maiores em força e poder, ousam referir-se de forma negativa aos anjos caídos da presença do Senhor. Mais uma vez o grego de Pedro cria dificuldades, pois não sabemos exatamente em relação a quem é dito que os anjos são mais fortes e poderosos. Seja como for, o pano de fundo desse versículo poderia ser um evento revelado por Judas, em seu versículo 9, onde o arcanjo Miguel e o ex-arcânjo Lúcifer disputam o corpo de Moisés, onde Miguel não quis sequer repreendê-lo, preferindo dizer: "**o Senhor te repreenda**". Tudo que sabemos na Bíblia a esse respeito é que o próprio Deus teria sepultado Moisés em Moabe, no vale diante de Bete Peor, mas que ninguém conhece exatamente onde (*Deuteronômio 34.6*). A lição a ser aprendida aqui parece ser que todos devemos nos lembrar que as palavras que pronunciamos são sempre proferidas na presença do nosso Criador, pelo que ofensas ao nosso igual, criado pelo nosso Criador mútuo, se constitui numa ofensa ao nosso Criador.

Continuando no versículo 12, Pedro está criticando a forma irracional como esses falsos mestres se comportam. Eles se deixam guiar pelos instintos, como o fazem os animais, e acabam corrompidos por sua própria corrupção. Isso se aplica de forma prática ao próprio corpo, pois na busca do prazer prejudicam o corpo e acabam não mais podendo sentir o prazer que buscavam. Que ironia! É exatamente isso que diz o versículo 13a. Na segunda parte deste versículo vemos aquilo que muito se parece com a devassidão dos nossos dias. Esses falsos mestres queriam que sua devassidão fosse uma coisa realizável em plena luz do dia e que todos o considerassem totalmente normal, que pudesse ser chamado de "politicamente correto".

Com relação a essas pessoas Pedro os chama de "nódoas e manchas", porque queriam não apenas fazer parte do corpo de Cristo, mas queriam também ser reconhecidos como mestres, ignorando, contudo, tratar-se de um grupo onde o alvo é ser como o irmão mais velho: "**sem defeito e sem manchas**". As festas citadas a seguir são provavelmente a

Ceia do Senhor, que ficara totalmente corrompida em Corinto e que esses falsos mestres estavam também tentando corromper aqui.

Devemos lembrar que os cultos gregos eram repletos de cerimônias sexuais, que provavelmente esses mestres estavam declarando ser aceitáveis também aqui. Começando pela embriaguez na Ceia, seria muito fácil fazer das orgias sexuais prazerosas algo que pudesse fazer parte do culto, porque isso já fora parte do culto dessas mesmas pessoas no passado.

No versículo 14, Pedro está descrevendo o que se passa na mente de uma pessoa que é escrava do pecado da lascívia. Seus olhos se enchem de adultério, ou seja, são incapazes de olhar para o sexo oposto sem ver nesta pessoa um candidato ou uma candidata a adultério. Nunca param de pecar, porque seus corações estão cheios de desejo e estão sempre dispostos a convencer, com seus enganos, outras pessoas instáveis. Ao dizer que essas pessoas são malditas, Pedro não está rogando sobre elas qualquer maldição, mas simplesmente reconhecendo o fato de que as maldições anteriores, que havia sobre suas vidas e que Cristo tomara sobre Si, estavam agora novamente sendo por elas carregadas, visto que Cristo estava sendo recusado e juntamente com Ele as bênçãos associadas.

A história do profeta Balaão é uma das mais tristes do Antigo Testamento. Temos que reconhecer que ele, não obstante não pertencer ao povo de Israel, era, sem dúvida, servo do Deus Altíssimo. Sua história começa com um convite do rei moabita, Balaque, para que este amaldiçoe o povo de Israel, que passava por suas terras a caminho da Terra Prometida. Balaão recusou o convite de se encontrar com Balaque, depois de ter sido informado por Deus que ele não deveria amaldiçoar o povo de Israel. Insatisfeito, Balaque manda uma segunda delegação, formada por pessoas mais nobres, para que renovassem o convite, oferecendo uma grande quantidade de riqueza. Desta feita, ao invés de mandá-los embora imediatamente, Balaão resolve pedir aos novos enviados que esperem até que ele tenha consultado a Deus. Ora, a resposta de Deus já era conhecida, de modo que a cobiça de Balaão despertada pela oferta que lhe foi feita, é a única motivação atrás de sua nova consulta a Deus.

Surpreendentemente, Deus dá a ele a permissão necessária para que atenda ao convite, com a intenção de ensinar a ele uma lição, qual seja, a de não discutir os desígnios de Deus. Neste contexto, temos uma das histórias bíblicas mais apreciadas pelas crianças (*Números 22-24*), quando Deus permite que a mula de Balaão o repreenda com voz audível, para salvar a sua vida, que seria ceifada pela espada de um anjo percebido pela mula, mas que ele mesmo não vira. Passada essa maravilhosa lição, o profeta pergunta a Deus se deve voltar, mas Este manda que siga em frente acompanhando os emissários de Balaque, falando, contudo, apenas aquilo que Ele autorizasse. Infelizmente, contudo, Balaão, mais uma vez deixa, de perceber que Deus preparara nova prova para ele, na qual ele, infelizmente, voltaria a cair, pelo que perde também a vida.

Ao lermos a sua história talvez sejamos induzidos a pensar que ele está fazendo estritamente o que Deus mandou, mas a verdade é que a cada novo pedido de Balaque, para que o profeta tente novamente um ângulo de visada a partir do qual Deus talvez aceite que ele amaldiçoe o Seu povo, Balaão o acompanha e faz nova consulta a Deus, também com a esperança de que Deus mude de idéia, para que possa receber a compensação em tesouros prometida por Balaque. Mesmo depois que Balaque se diz totalmente frustrado com ele, mandando-o embora por não amaldiçoar, conforme solicitado, ainda assim vamos constatar, em *Números 31.16*, que Balaão não fora embora, mas que ficara para ensinar ao rei uma maneira segundo a qual o próprio povo de Israel poderia se colocar debaixo da maldição que ele não pudera pronunciar. Para tanto, Balaão sugeriu a Balaque que as mulheres moabitas provocassem sexualmente os homens dentre os filhos de Israel, para que estes, pecando contra o Seu Deus, se tornassem objeto da ira dEste. Este evento tem registro em *Números 25*, onde vemos a vulnerabilidade que tal fato trouxe sobre o povo de Israel. Balaão, assim como cada um de nós, não poderia servir a dois senhores, pelo que ele ou cultuava louvores e obedecia à voz de Deus para com Ele viver, ou ele deveria aceitar as promessas do deus Mamon, com cujas vantagens morreria. Para sua grande infelicidade, Balaão já tinha decidido que faria pequenas concessões, achando que Deus sequer perceberia.

Pedro, no versículo 17, volta a se referir aos falsos mestres do seio da igreja, com relação aos quais ele faz duas comparações muito propícias, ao dizer que são:

- Fontes sem água

Uma fonte sem água é uma incoerência, pelo que é impossível matar a sede com a mesma. Já aquele que bebe da água que vem da fonte provida por Jesus nunca mais terá sede (*João 4.14*). Além disso, essa mesma água se tornará nele uma fonte que jorra água para a vida eterna, ou seja, essa pessoa será também uma bênção para aqueles que estão à sua volta e com as quais tem contato.

- Névoas impelidas pela tempestade

A névoa é uma cerração de densidade variável. Ao ser impelida pelos ventos durante a tempestade, ela faz com que a visibilidade se torne instável. Assim é o ensino desses falsos mestres, pois aquilo que ensinam acaba confundindo, ao invés de esclarecer. Trata-se, portanto, de uma tentativa deliberada de confundir as pessoas inseguras, de modo a desviá-las do caminho certo, que é Jesus. Para estes falsos mestres Pedro nos diz que estão reservadas, não névoas de densidade variável, mas as densas trevas do inferno, nas quais viverão por toda a eternidade. Com relação a pessoas que fizessem tropeçar os menos esclarecidos que creem nEle (pequeninos), induzindo-os ao pecado, Jesus mesmo já dissera que era melhor que fossem lançados ao mar com uma pedra grande amarrada ao pescoço (*Marcos 9.42*). Essa morte horrenda seria ainda melhor que o inferno que lhes está destinado, onde "o seu verme não morre e o fogo não se apaga" (*Marcos 9.48*).

No versículo 18 Pedro nos informa que esses mestres usavam palavras de "vaidosa arrogância" para ensinar aos incautos que "os desejos da libertinagem da carne" eram lícitos. Cabe ressaltar aqui que isso era totalmente coerente dentro dos ensinamentos do Gnosticismo, onde se pregava que a salvação do espírito eterno do homem era obtida e garantida pelo conhecimento, ao passo em que pouco importava o que a pessoa fizesse com o seu corpo, pois este era pecaminoso, mas felizmente mortal, ficando depois para trás. Assim sendo, não havia porque não satisfazer no presente os seus desejos. Embora não se utilize hoje em dia o termo gnóstico para classificar as pessoas que continuam a ensinar a mesma coisa, a nossa sociedade os chama de "pessoas esclarecidas", pelo que se vê que o Gnosticismo e o seu conhecimento implícito foi apenas traduzido, sem sequer mudar de nome.

No versículo 19 Pedro esclarece a real situação dessas pessoas, mostrando o quanto esta difere daquilo que pregam. Os falsos mestres prometem liberdade, enquanto eles mesmos são escravos de sua própria corrupção. Isso corresponde a um "xeque-mate" no confuso xadrez dos ensinamentos desta vida, "pois o homem é escravo daquilo que o domina". Não há nada mais importante na vida moderna do que o sexo. Todos os anúncios de televisão nos mostram pessoas "bem sucedidas" que desfrutam de qualquer produto juntamente com as "delícias" do sexo. O que esse versículo nos diz é que as pessoas sequer percebem o quanto o pecado do sexo desenfreado domina o homem moderno. Nossa sociedade em nada destoa daquela de Roma nos dias de Nero e que se encontra narrada por Paulo em *Romanos 1. 18-32*.

Pedro ressaltava, no versículo 20, que os falsos mestres dos quais vem falando são, na realidade, pessoas que se converteram, pelo que "escaparam das contaminações do mundo" graças ao conhecimento que adquiriram do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ao dizer, contudo, que esses mestres encontram-se novamente enredados por essas mesmas contaminações, estando totalmente dominados por elas, num estado atual pior que o anterior, ele deixa claro que essas pessoas apostataram da fé, preferindo antes entregar suas vidas à luxúria e aos prazeres mundanos que a acompanham. É verdade, por um lado, que todo pecado tem perdão e que aquele que é salvo por Jesus não se perde, mas o perdão de pecados sempre esteve, está ainda e sempre estará condicionado ao arrependimento. Tendo sido alertado de seu pecado pelo Espírito Santo, o desejo manifesto de querer continuar nele equivale ao pecado da apostasia descrito em *Hebreus 6. 4-6*.

É exatamente por isso que Pedro nos diz, no versículo 21, que teria sido melhor, para essas pessoas, não terem tido o conhecimento do caminho da justiça, que é trilhado a partir do novo nascimento. Procedendo como o fizeram esses falsos mestres, estão dando as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido. É claro que esse versículo suscita perguntas a respeito dos limites práticos da tolerância divina para o arrependimento. Cabe lembrar que, perguntado a respeito, Jesus disse que o perdão deveria ser ilimitado (*Mateus 18.21-22*), mas as palavras de Jesus são igualmente duras em relação ao servo que peca sabendo que seu senhor já lhe dera instruções contrárias

(Lucas 12.47-48). A essas pessoas se aplicam, portanto, os provérbios que são listados no versículo 22.

II Pedro 3

Versículos 1 a 18

1 Amados, esta é agora a segunda carta que escrevo a vocês. Em ambas quero despertar com estas lembranças a sua mente sincera para que vocês se recordem

2 das palavras proferidas no passado pelos santos profetas e do mandamento de nosso Senhor e Salvador que os apóstolos ensinaram a vocês.

3 Antes de tudo saibam que, nos últimos dias, surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas próprias paixões.

4 Eles dirão: "O que houve com a promessa da sua vinda? Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação".

5 Mas eles deliberadamente se esquecem de que há muito tempo, pela palavra de Deus, existem céus e terra, esta formada da água e pela água.

6 E pela água o mundo daquele tempo foi submerso e destruído.

7 Pela mesma palavra os céus e a terra que agora existem estão reservados para o fogo, guardados para o dia do juízo e para a destruição dos ímpios.

8 Não se esqueçam disto, amados: para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.

9 O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento.

10 O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada.

11 Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa,

12 esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor.

13 Todavia, de acordo com a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça.

14 Portanto, amados, enquanto esperam estas coisas, empenhem-se para serem encontrados por ele em paz, imaculados e inculpáveis.

15 Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo escreveu a vocês, com a sabedoria que Deus lhe deu.

16 Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

17 Portanto, amados, sabendo disso, guardem-se para que não sejam levados pelo erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam.

18 Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, agora e para sempre! Amém.

Pedro inicia esse capítulo falando que esta é a segunda carta que ele escreve e que, em ambas, o seu objetivo tem sido fazer com que se lembrem de coisas importantes já ensinadas a eles pelos apóstolos, as quais haviam sido transmitidas a eles pelos antigos profetas (ou seja, estão contidas no AT) ou pelo Senhor Jesus (durante o Seu ministério terreno). Os ensinamentos em apreço não são especificados, mas ele já deixou claro que fará todo o possível para que não esqueçam os seus ensinamentos (versículos 1 e 2).

Já no versículo 3, Pedro passa a falar sobre a Segunda Vinda de Jesus Cristo, alertando os seus leitores para o fato de que surgiriam zombadores dizendo que Sua volta é "conversa fiada". Diriam que os antepassados já haviam morrido e que continuava tudo igual ao que sempre foi, desde a fundação do mundo, sem que a Sua volta tenha se cumprido (versículo 4).

Fica implícito que se trata de pessoas no seio da própria Igreja de Cristo, que estariam questionando a Sua Segunda Vinda e não da vinda do Messias. Quanto aos antepassados, que já teriam morrido e aos quais estão se referindo, estes seriam os pais da Igreja de Cristo, quais sejam, por exemplo, Estêvão, Tiago, filho de Zebedeu e Tiago, o justo, ou seja, alguns dos líderes da Igreja que já teriam falecido antes dos meados da década de 60. O argumento deles seria, portanto, que já se haviam passado cerca de 30 anos desde o retorno de Cristo ao céu e que continuava tudo igual ao que era desde a criação. Desta forma, eles apelam para o argumento da imutabilidade do mundo e, ao mesmo tempo, da "farsa" que representaria a propalada volta de Cristo.

O contra-argumento de Pedro, nos versículos 5 e 6, começa pela referência destes críticos à imutabilidade do mundo desde sua fundação. Ele provavelmente tem em mente as palavras de Jesus em *Mateus 24.37-39*: **"Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do Homem, pois nos dias anteriores ao dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e eles nada perceberam até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do Homem"**.

Assim sendo, da mesma forma como houve um juízo para a iniquidade do povo daquela época, haverá, igualmente, um juízo para a iniquidade das pessoas dos últimos tempos.

Ressalta-se, contudo, que Pedro está enfatizando não apenas o juízo do dilúvio, mas também a mudança na ordem mundial. Ele informa que a primeira ordem mundial começou na criação com a terra seca sendo tirada das águas e que as mesmas águas se tornariam a causa de sua destruição. Embora haja muita discussão entre os comentaristas sobre o que exatamente Pedro está dizendo, devemos reconhecer que o dilúvio foi mais do que uma chuva intensa. No segundo dia da criação (*Gênesis 1.6-7*), Deus separou as águas acima do firmamento das águas abaixo dele, ou seja, havia águas acima do céu e abaixo dele. No terceiro dia Ele fez aparecer a terra seca no meio das águas abaixo do céu (*Gênesis 2.9*). Por outro lado, em *Gênesis 2.5*, somos informados que no Jardim do Éden não havia chuva e a água brotava da terra. Não

sabemos se havia chuva antes do dilúvio, porque não há informação a respeito. Quando veio o dilúvio, a informação que temos é que ambos os reservatórios de água se abriram: os que estavam abaixo do céu e os que estavam acima dele (*Gênesis 7.11*). Assim sendo, o dilúvio foi um evento único de sua espécie, mesmo porque Deus prometeu que nunca mais faria aquilo (*Gênesis 8.21*).

De lá prá cá tem havido muitas inundações localizadas, com pessoas morrendo em consequência das chuvas, mas Deus nunca mais abriu as duas fontes citadas em *Gênesis*.

Aparentemente Pedro está dizendo que Deus inaugurou uma nova era mundial no período pós-dilúvio. Com isso, o argumento de que Deus não mudou nada desde a criação cai por terra, pelo que tampouco se pode negar que haverá outra mudança na Segunda Vinda de Cristo.

No versículo 7 Pedro completa o seu raciocínio dizendo que na nova era está prevista, com base na Bíblia (*Isaías 29.6, 30.30, 66:15-16*), que haverá nova destruição da Terra, só que desta vez ela se dará pelo fogo, sendo que ocorrerá por ocasião do Juízo Final.

Nos versículos 8 e 9 Pedro apresenta primeiramente o argumento de que o tempo, como nós o percebemos, se desenrola para Deus de uma maneira distinta. Talvez ele estivesse pensando em *Salmos 90.4*, onde diz que 1.000 anos para Deus são como o dia de ontem que passou. O fato é que aquilo que julgamos ser um atraso ou uma demora de Deus está, na realidade, associado ao fato de Ele ter uma percepção própria do tempo.

Ainda de acordo com Pedro essa percepção está associada à Sua misericórdia e o Seu amor para com a humanidade, que Ele criou, e por não querer que qualquer de Suas criaturas se perca.

Li recentemente um livro escrito por Almir Gonçalves Jr. intitulado "Aquele que andou com Deus", onde ele ressalta, num romance, as diferenças entre Enoque, que andou com Deus, e a descendência de Caim, que O abandonou por completo, até ser completamente destruída pelo dilúvio. Um dos pontos marcantes dessa diferença é a forma como os dois lidam com o tempo. O tempo de Enoque girava em torno de seu relacionamento com Deus e ele o gastava admirando Sua criação, procurando conhecê-LO pessoalmente e fazendo aquilo que Ele queria. Contrastando com ele, os filhos de Caim gastavam seu tempo numa desabalada carreira na busca por dinheiro e prazeres. Enquanto o tempo de Enoque sobrava para as coisas importantes, o dos filhos de Caim era insuficiente para qualquer coisa que realmente interessasse.

O tempo de Deus é gasto da mesma forma como é gasto o de Enoque na ficção do Almir: empenhado em que nenhum dos filhos de Caim se perca, mas que todos cheguem ao arrependimento e vivam. É isso que Pedro nos informa no versículo 9.

Esse versículo apresenta algumas informações interessantes no âmbito do conhecimento que temos dos atributos de Deus. Se Deus é Onisciente, segue que Ele sabe quem vai se converter e quando. Logo, Ele espera o tempo necessário por esses

que vão se converter e requerem mais tempo. Se fosse verdade que a salvação é aplicada apenas às pessoas que Deus predestina por algum critério desconhecido, segue que Ele não poderia dizer que não quer que ninguém se perca, porque Ele mesmo teria estabelecido o destino de cada um, tornando-O o causador da morte dos não eleitos.

No âmbito do mesmo raciocínio, já que Ele teria fixado os que se convertem, então, não há porque não estipular também o momento da conversão para evitar atrasos na volta de Cristo, mas esse não é o caso; Pedro diz que Ele está disposto a esperar pacientemente pelos retardatários e tanto espera que não se importa em atrasar a data de Sua volta, pelo amor que tem por cada um.

Quem quer que todos cheguem ao arrependimento dá a todos, indistintamente, a oportunidade para tanto. Ele faz questão que todos tenhamos a oportunidade de amá-LO de volta em resposta ao grande amor que nos dispensa. Quem nega que a predestinação divina tenha outra causa que não a Sua simples pré-ciência de nossa escolha livre e espontânea de amá-LO, nega tudo que Pedro está dizendo aqui a respeito do Deus que nos ama.

Justamente porque Deus vai esperar até o último minuto para que se salve o último daqueles que Ele escolheu com base em Sua pré-ciência, é que Jesus nos informou que só o Pai sabe o dia e a hora da Sua Segunda Vinda (*Mateus 24.36*).

Não há nenhuma novidade, portanto, no versículo 10, que nos informa que Sua volta dar-se-á como um ladrão, ou seja, de forma totalmente inesperada.

Já as informações adicionais relativas ao fato disso se dar com o céu desaparecendo mediante uma grande explosão (provavelmente atômica), com todos os elementos sendo desfeitos pelo calor da explosão e toda a terra sendo devastada, parece retratar profecias tanto do AT como do próprio Senhor Jesus:

- *Isaías 13.10-13*: Porque as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não resplandecerá com a sua luz. E visitarei sobre o mundo a maldade, e sobre os ímpios a sua iniquidade; e farei cessar a arrogância dos atrevidos, e abaterei a soberba dos tiranos. Farei que o homem seja mais precioso do que o ouro puro, e mais raro do que o ouro fino de Ofir. Por isso farei estremecer os céus; e a terra se moverá do seu lugar, por causa do furor do Senhor dos Exércitos, e por causa do dia da sua ardente ira.

- *Isaías 34.4*: E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira.

- *Marcos 13.24-26*: Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz. E as estrelas cairão do céu, e as forças que estão nos céus serão abaladas. E então verão vir o Filho do homem nas nuvens, com grande poder e glória.

Estes são alguns dos versículos que Pedro pode ter tido em mente ao escrever o final deste capítulo. Tudo que sabemos é que o fim desta vez vai ser geral e todos o verão.

Já foi dito, inúmeras vezes, que a maioria de nós vive como se nunca fosse morrer, não obstante ser a morte o evento mais certo da vida de cada um de nós. Embora Tiago faça recomendações para que não o façamos (*Tiago 4.13-15*), a possibilidade da morte nunca faz parte do nosso planejamento do dia de amanhã.

Embora a maioria das pessoas seja pega de surpresa por ela, felizmente nós, os filhos de Deus, já fizemos os preparativos necessários, pelo que a tristeza dos que ficam é amenizada pela certeza do bem-estar de quem partiu, contrastando com a tristeza dos que não têm a mesma certeza.

Com relação à Segunda Vinda de Cristo, o estado de consciência entre os Filhos de Deus é ainda menor do que com relação à morte. Poucos de nós conhecemos o que a Bíblia prevê em termos apocalípticos e número menor ainda acha que a volta de Jesus seja iminente.

Curiosamente, quase dois mil anos atrás Pedro, no versículo 11, perguntava aos seus leitores qual deveria ser a atitude deles em relação a essa mesma iminência. Ele mesmo responde dizendo que deveriam viver de modo santo e piedoso, ou seja, deveriam estar sempre prontos.

Desta forma, diz o versículo 12, eles estariam prontos para o "Dia de Deus" e ao mesmo tempo estariam contribuindo para apressá-lo. É claro que a primeira idéia que nos vem à cabeça, como forma de se apressar a volta de Cristo é o evangelismo. Quanto mais cedo os "eleitos" forem evangelizados, mais cedo Ele voltará. Ocorre, contudo, que essa não é a idéia que Pedro está nos passando aqui. Pedro está dizendo que uma Igreja alerta apressa a volta de Cristo. Uma Igreja santa é a noiva preparada para as Bodas do Cordeiro.

Ainda nesse mesmo versículo ele volta a afirmar que os céus serão desfeitos pelo fogo e os elementos se derreterão pelo calor. Não podemos saber se está falando dos astros ou exatamente que elementos ele tem em mente, mas se trata de uma destruição tão extensa que na realidade não faz muita diferença. A vida humana ficará insustentável.

Nós, porém, não vamos nos preocupar, porque o que aguardamos, conforme ele diz no versículo 13, são novos céus e nova terra, com a grande vantagem de habitar neles a justiça de Deus.

Exatamente por isso, enquanto estamos aqui esperando, quer demore, quer não, o que se espera de nós é que sejamos encontrados por Ele (de cuja presença não saímos hora nenhuma) em paz, imaculados e inculpáveis.

Pedro deixa claro nos versículos 15 e 16 a admiração que nutre pela mente privilegiada de Paulo. Se alguém imaginava que Pedro tenha ficado ressentido com Paulo por ter sido chamado à atenção por ele em Antioquia, esses versículos são prova do contrário.

O evento em apreço foi narrado pelo próprio Paulo em *Gálatas 2.14* e trata-se do fato de Pedro ter subido primeiro a Antioquia e ter feito normalmente suas refeições com os gentios. Quando, porém, chegaram a Antioquia emissários de Tiago, irmão de Jesus e líder da Igreja de Jerusalém, um judaizante, Pedro passou a evitar as refeições com os gentios, porque estes eram imundos para os judeus. Ao ver o que Pedro estava fazendo, Paulo evitou as meias palavras e repreendeu Pedro severamente diante de todos por sua hipocrisia.

No versículo 15, escrito anos mais tarde, Pedro mostra não ter guardado qualquer ressentimento em relação a esse evento e, ao contrário, refere-se a ele como "um irmão amado a quem Deus deu grande sabedoria".

Continuando os seus elogios no versículo 16, ele diz que Paulo trata dos mesmos assuntos por ele tratados em todas as suas cartas. Aproveita, contudo, para dizer que Paulo é um erudito que diz coisas de difícil compreensão, que os ignorantes e instáveis torcem assim como fazem com as demais Escrituras.

Ao dizê-lo, todavia, notem que ele eleva os escritos de Paulo ao nível das demais Escrituras do Antigo Testamento, ou seja, ele valida Escrituras do Novo Testamento, pela primeira vez, dando a elas status igual ao cânon veterotestamentário.

Pedro encerra a carta, nos versículos 17 e 18, dizendo: "portanto, amados, sabendo disso", ou seja, sabendo que há pessoas sem princípios morais que militam no nosso próprio meio, vamos tomar todo o cuidado de não sermos engodados pelos seus erros, perdendo, assim, a nossa firmeza, vindo a cair. Assim sendo, ele alerta para o efeito negativo do Gnosticismo adentrando as portas da Igreja, através de irmãos que querem aparecer, fazendo adeptos com os ensinamentos de sua própria sabedoria. Ao invés de darem atenção a esses falsos irmãos, os verdadeiros crentes em Jesus precisam cuidar de crescer na graça e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo.

Pedro conclui, então, com uma expressão de louvor, dando a Jesus toda glória agora e para todo sempre. Amém!